



UNINCOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO RIO VERDE

RAFAEL CALADO ALVES PEREIRA

POEMAR A PRÓPRIA VIDA:

slam escolar multiletramentos e educação a partir da identidade do sujeito-aluno

**TRÊS CORAÇÕES – MG
2023**



RAFAEL CALADO ALVES PEREIRA

POEMAR A PRÓPRIA VIDA:

***slam* escolar, multiletramentos e educação a partir da identidade do sujeito-aluno**

Dissertação de Mestrado acadêmico apresentado à Universidade Vale do Rio Verde (UninCor) como parte das exigências do programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino, para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro

TRÊS CORAÇÕES
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca do Centro Universitário Vale do Rio Verde – UNINCOR

Pereira, Rafael Calado Alves

P436p Poemar a própria vida: slam escolar, multiletramentos e educação a partir da identidade do sujeito-aluno. / Rafael Calado Alves Pereira. Três Corações, 2023. 91 f. : il.

Orientador: Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Vale do Rio Verde – UNINCOR. Mestrado profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

1. Campeonatos de poesia falada. 2. Poesia slam. 3. Identidade (Psicologia) em adolescentes. 4. Poesia - resistência I. Monteiro, Jesus Alexandre Tavares. II. Centro Universitário Vale do Rio Verde – Unincor. III. Título.

CDU: 37:82-1

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR RAFAEL CALADO ALVES PEREIRA, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO, PLANEJAMENTO E ENSINO.

Aos três dias do mês de março de dois mil vinte e três, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Jesus Alexandre Tavares Monteiro (UNINCOR), Jocyare Cristina Pereira de Souza (UNINCOR), e Luiz Paulo Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG), para examinar o candidato Rafael Calado Alves Pereira na defesa de sua dissertação intitulada: POEMAR A PRÓPRIA VIDA: SLAM ESCOLAR MULTILETRAMENTOS E EDUCAÇÃO A PARTIR DA IDENTIDADE DO SUJEITO-ALUNO. O Presidente da Comissão, Prof. Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro, iniciou os trabalhos às 14h02min, solicitando ao candidato que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o candidato sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 16h00min, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho da candidata, tendo chegado ao seguinte resultado: Prof. Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro (aprovado), Prof^a. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza (aprovado), e Prof. Dr. Luiz Paulo Ribeiro (aprovado). Em vista deste resultado, o candidato Rafael Calado Alves Pereira foi considerado (aprovado), fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

Três Corações, 03 de março de 2023.

Novo título (sugerido pela banca):

Prof. Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro

Documento assinado digitalmente
LUIZ PAULO RIBEIRO
Data: 12/03/2023 17:19:10-0700
Verifique em <https://verificador.itb.br>

Prof. Dr. Luiz Paulo Ribeiro

Prof^a. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza

Prof^a. Dra. Amanda Tolomelli Brescia (Suplente externo)

Prof^a. Dra. Terezinha Richartz Santana (Suplente interno)

CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO RIO VERDE - UNINCOR

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas | CEP: 37417-150 - TELEFONE: 35 3239.1000

Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado | CEP: 30411-186 - TELEFONE: 31 3064.6333

Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro | CEP: 37440-000 - TELEFONE: 35 3341.3288

Dedico este trabalho aos coletivos de poesia marginal e de *Slam* espalhados pelo Brasil. A esse ativismo comprometido com a poesia e a educação da periferia brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família e meus amigos pelo incentivo e apoio. Ao meu irmão Lucas, por todo apoio e pela contribuição na produção do produto técnico deste trabalho. À minha companheira Flávia, pela parceria, companheirismo, paciência e carinho. Ao meu orientador parceiro Prof. Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro, pela compreensão, cumplicidade e contribuição criativa (piramos juntos nessa ideia) e ao Mestrado Profissional da UNINCOR. Aos brilhantes, pacientes e comprometidos professores e ao coleguismo, companheirismo e integração dos colegas mestrandos da turma de 2021, com certeza, sem o incentivo dessa turma não seria possível a conclusão desta etapa.

Agradeço a todas as energias, todos os deuses, santos e anjos convocados para me abençoar nesta caminhada. Só força!!

Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava
Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava
Ela explicava, explicava, querendo que eu
Criasse um interesse num mundo que não tinha nada haver com o meu
Não sei se a escola aliena mais do que informa
Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
Depende da história contada e também de quem vai contar
Pra mim contaram que o preto não tem vez
E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me disse o contrário
A escola sempre reforçou que eu era feio
O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra caralho
O Hip-Hop me falou de autonomia
Autonomia que a escola nunca me deu
A escola me ensinou a escolher caminhos
Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu

(Thiago Elniño – Pedagoginga)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender o duelo de poesia performática, *Slam*, por meio dos estudantes, dentro da proposta pedagógica do multiletramento, analisando a batalha como um espaço para crianças e adolescentes reafirmarem sua identidade no espaço escolar. Além disso, o *Slam* foi analisado como um elo entre a escola e os diversos sujeitos, uma prática educativa que dialoga com a realidade dos estudantes, ao realizar um processo de “reexistência”, em que esses discentes reafirmam sua cultura e recriam o espaço escolar a partir de sua própria identidade cultural. A proposta deste texto, portanto, é realizar um debate sobre identidade, cultura e resistência, a partir da prática pedagógica do duelo de poesia marginal *Slam*. Para tal, metodologicamente, optamos por construir uma revisão bibliográfica centrada nos temas resistência, identidade, cultura e educação, dialogando com a pedagogia de multiletramento e a teoria histórico-cultural de Lev Vigotski, procurando apresentar uma outra percepção sobre a interação entre escola, prática educativa e o sujeito aluno, em conjunto com uma pesquisa baseada no acompanhamento da prática dos educandos nas oficinas e encontros de *Slam*. Neste percurso, através da análise de discurso, pudemos perceber que os estudantes anseiam por um espaço onde suas ideias e pensamentos possam ser manifestadas de maneira livre. Ao estimular essa produção, o espaço escolar interage com as vivências desse educando, oportunizando que esses jovens busquem, cada vez mais, aprimorar o uso da palavra, caminhando no contínuo processo de letramento.

Palavras-chave: Slam. Multiletramento. Identidade. Cultura. Resistência.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand the performance poetry battle, *Slam*, through students, within the pedagogical proposal of multiliteracy, analyzing the battle as a space where children and teenagers reaffirm their identities in the school environment. In addition, *Slam* was analyzed as a link between school and the diverse subjects, an educational practice that interacts with the reality of students, by creating a process of “reexistence”, in which these students reaffirm their culture and recreate the school environment based on their own cultural identity. Therefore, the proposal of this text is to discuss the identity, culture, and resistance, based on the pedagogical practice of the *Slam* marginal poetry battle. To do this, we methodologically chose to do a bibliographical review focused on the themes of resistance, identity, culture, and education, establishing a dialogue with the pedagogy of multiliteracy and Lev Vygotsky’s cultural-historical theory, seeking to present another perception on the interaction between school, educational practice, and the student subject, along with a research based on the guidance of students’ practice in *Slam* workshops and meetings. Along this path, we could notice that students long for a space where their ideas and thoughts can be expressed freely. By stimulating this production, the school environment interacts with the experiences of those students, giving them an opportunity to increasingly seek to improve their speech, advancing in the continuous literacy process.

Keywords: Slam. Multiliteracy. Identity. Culture. Resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Duelo do <i>Poetry Slam</i>	14
1.2 <i>Slam</i> no espaço escolar: Pedagogia de Multiletramento em diálogo com a Cultura do educando.....	16
1.3 <i>Slam</i> e a Pedagogia do Multiletramento.....	18
1.4 Promovendo o diálogo com a cultura do educando	23
2 O SLAM, POESIA MARGINAL EM CONSTANTE MANIFESTAÇÃO DAS IDENTIDADES	28
2.1 Tradição e oralidade	29
2.2 Vivências e Escrevivências	32
2.3 <i>Slam</i> e Identidade	35
3 SLAM, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA.....	41
3.1 Educação com significados: dialogando com a realidade das juventudes	45
4 POEMANDO NO ESPAÇO ESCOLAR: ANALISANDO OS DADOS DA PESQUISA.....	49
5 O PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO: TRILHA EDUCACIONAL, OFICINAS E DEMAIS CONTEÚDOS QUE POSSIBILITEM A PRÁTICA DO MULTILETRAMENTO E DA ESCRITA LIVRE POÉTICA.....	61
5.1 O podcast	63
5.2 As oficinas	66
6 CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	76
ANEXO 1.....	76
ANEXO 2.....	77
ANEXO 3.....	81

ANEXO 4.....87

ANEXO 5.....89

1 INTRODUÇÃO

Ao propor o estudo da escrita poética como instrumento do livre pensar dos educandos, estamos promovendo um estilo específico de poesia, com discurso de resistência. Permitimos a entrada da poesia, não como mais uma forma de segregação entre a realidade do aluno e os textos eruditos, mas partindo do que lhe é popular e de suas representações culturais, que os tornam parte do fazer pedagógico. Sob essa ótica, o *Slam*, como gênero poético, pode promover espaços discursivos dentro da escola e dar voz aos estudantes, ao proporcionar um processo de criação e apreciação estética dos textos escritos por eles e por seus pares como uma forma de desfrutarem as possibilidades desse gênero discursivo, ao mesmo tempo em que promovem seus próprios discursos (VIANA, 2018).

Neste trabalho, pretendemos avançar no entendimento da educação como uma simples fábrica de crianças aptas a preencher o X na opção correta e entender que o espaço escolar é também um ambiente de troca de experiências, compartilhamento de vivências e de formação de futuros. Por isso, defendemos o *Slam* como prática inserida no multiletramento. Trata-se de uma ferramenta importante para a construção de um espaço no ambiente escolar de manifestação das identidades dos alunos, tão oprimidas pelo sistema educacional.

Importante ressaltar que o texto de 2018 da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), aprovado e sancionado, já defende a importância de a escola dialogar com a prática do multiletramento, ao apresentar que se faz necessário que escola e docentes se abram para a percepção dessa forma de dialogar na atualidade, percebendo a importância cultural das vivências que os educandos carregam para o ambiente escolar. É necessário aceitar sem preconceito as formas de linguagem nas quais esse aluno está inserido.

[...] imbricada à questão dos multiletramento, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 70).

A BNCC, ao pensar no uso e na exploração de textos de diversas fontes, formatos e mídias, acaba por inserir uma proposta de abordagem que implica à escola uma diversidade de perspectivas, fazendo com que diferentes culturas e linguagens sejam incluídas e contempladas na educação formal. Dessa forma, a proposta da BNCC se integra ao modelo de educação que pretendemos defender neste trabalho. Uma educação nos princípios defendidos pela obra do Professor Paulo Freire, na qual é possível substituir uma visão anti-hegemônica e de supremacia

de uma minoria, uma educação bancária, por um modelo educacional que aplique uma visão mais complexa e plural de nossa sociedade, estimulando, dessa forma, o respeito e a valorização da diversidade.

Nossa intenção, com este trabalho foi procurar compreender o duelo de poesia performática, *Slam*, por meio dos adolescentes, estudantes das series finais do ensino fundamental, dentro da proposta pedagógica do multiletramento, analisando o duelo como um espaço para esses estudantes reafirmarem sua identidade no espaço escolar. Partimos, então, deste questionamento: o duelo de *Slam* se constitui como um espaço para crianças e adolescentes reafirmarem sua identidade no espaço escolar?. Para isso, construímos as seguintes hipóteses: A prática do *Poetry Slam* é uma importante ferramenta da prática do multiletramento, pois trabalha desde o letramento a percepção estética da arte na formação do educando. O *Poetry Slam*, no espaço escolar, permite ao educando reafirmar sua identidade e cultura, muita das vezes ignorada pelo sistema educacional. A prática do *Poetry Slam* como ferramenta pedagógica permite ao educando problematizar a realidade, reconhecer as diferenças existentes na sociedade e forma um cidadão crítico e participativo.

Objetivamos também, é entender o *Slam* dentro da proposta pedagógica do multiletramento e analisá-lo como um espaço para crianças e adolescentes reafirmarem sua identidade no espaço escolar. Buscamos na pesquisa propor a aplicação do *Slam* no processo de multiletramento e percepção estética e analisá-lo como espaço de identidade, representação e empoderamento de grupos minoritários, refletindo sobre a educação não formal e formal como oportunidade de emancipação e problematização das relações entre cultura e desigualdade social, cultura e racismo, cultura e injustiça social entre outras relações presentes nos debates da juventude da periferia brasileira.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos. No primeiro, fazemos um debate sobre a prática do *Slam* como prática educativa que dialoga com os multiletramento e com a cultura do educando, dialogando com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC)¹. Em nosso segundo capítulo, procuramos dialogar com a teoria histórico-cultural e o pensamento vigotskiano sobre a formação cultural dos estudantes e representação de suas identidades no espaço escolar.

O terceiro capítulo é uma representação da expressão dos estudantes, debatendo a necessidade de garantir seus espaços de fala, defendendo a ideia da construção uma pedagógica

¹ BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 dez. 2019.

focado no estudante, que respeita sua cultura e vivências. Já no quarto capítulo, apresentamos uma análise dos dados colhidos no campo e nas entrevistas com os estudantes em diálogo com os autores trabalhados no percurso desta pesquisa.

Para terminar, o nosso quinto capítulo apresenta o nosso produto técnico tecnológico, idealizado ao longo desta pesquisa e adaptado nesse trajeto a partir das nossas vivências em campo.

O *Slam* como uma ferramenta educativa que mobiliza a discussão da identidade na formação de adolescentes praticantes do duelo. Estes, incentivados pela batalha de poesia, praticam a escrita livre poética, compartilham suas ideias e manifestam suas culturas – uma alternativa para se pensar os multiletramentos presentes no contexto escolar. A prática do *Poetry Slam*, no contexto escolar, foi pesquisada como prática educativa de multiletramento à luz do debate teórico sobre a identidade, por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e diário de campo, para uma análise das vivências e experiências educativas dos educandos e educadores. O *Poetry Slam* é um instrumento potencializador de pertencimento a espaços e tempos de ensino-aprendizagem, produtor de autonomia, reflexão e de inquietações para os contextos sociopolíticos e culturais atuais.

Para além de uma análise do *Slam* no campo linguístico, ou restrito ao currículo da Literatura e de Ensino da Língua Portuguesa, pretendemos ter um olhar no *Slam* como um instrumento de multiletramento que dialoga com as vivências, aprendizados e cultura do estudante. Aprofundamos o debate na busca de discernir se práticas como o duelo de poesia conseguem trabalhar de forma efetiva a identidade do educando no espaço escolar.

Contudo entendemos também a importância de conceituar a poesia marginal praticada no *Slam*, para melhor identificá-la com o contexto educacional. Por isso, no percurso do nosso trabalho, trazemos o entendimento do *Slam* como um gênero discursivo dentro da ideia de Bakhtin (2011), em que se explora a riqueza da linguagem e expressão como gênero discursivo primário². Compreendemos que o *Slam* envolve também os sujeitos que interagem com a estrutura de todo o duelo, pois ali é a arena onde os poemas são compartilhados entre o público, poetas *Slammers* e organizadores.

A partir de práticas como a do *Slam*, podemos pensar em outras possibilidades que a escola passa a possuir para promover o protagonismo de seus alunos, permitindo a prática da

² Segundo a teoria bakhtiana, o uso da linguagem, se realiza por meio de enunciados, sejam eles orais, escritos ou sincréticos, e refletem um estilo ou conteúdo. E os tipos de enunciados seriam os gêneros discursivos. Os gêneros discursivos possuem distinções, podendo ser primários, quando mais simples (comunicações imediatas do dia a dia e diálogos do cotidiano) e secundários, que são reflexos de uma produção mais complexa como livros literários, pesquisas científicas e textos acadêmicos (VIANA, 2018).

livre escrita poética na escola, a fim de superar os preconceitos e estabelecer conexões com a proposta de multiletramento. Portanto, entendemos a poesia praticada no *Slam* como um gênero discursivo que se constrói a partir “[...] de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO; MOURA, 2012, p. 19).

Nesse sentido, trabalhamos com a ideia de que a linguagem formal, apesar de ser a única aceita e valorizada em sala de aula, não deve ser interpretada como a única expressão da alfabetização. Procuramos caminhar com a premissa de que é preciso considerar a variedade linguística, a variedade cultural e as diferenças dos alunos, em suas vivências, experiências, capacidades sensoriais e de seus interesses individuais e coletivos. Por isso, seguimos o entendimento de que, inseridos em um contexto em que a comunicação da sociedade apresenta uma multiplicidade de formas de linguagens e de culturas, essa variedade nos permite superar uma visão restritiva, que entende que se deve trabalhar na escola apenas a escrita alfabética nos padrões academicistas ou de se centrar, unicamente, na aprendizagem de letras e na leitura de palavras impressas. A pedagogia do multiletramentos nos leva por caminhos diferentes da visão tradicional de alfabetização.

Pensamos na prática de uma escrita livre, inspirada na realidade cultural desse educando como uma expressão de suas aspirações, inspirações e vivências. Por isso, defendemos a prática do multiletramento entendendo que o papel do docente é o de promover a participação de todos os alunos no processo de ensino e aprendizagem, independentemente de suas características, garantindo, assim, que todos aprendam, todos participem do trabalho em sala de aula, que interajam ao seu modo com os demais colegas e, com isso, possam efetivamente se sentirem incluídos e valorizados. Fato que não culpabiliza o docente diante da precária inserção dos discentes nas práticas pedagógicas, pois entendemos que as intervenções no campo educacional são multifacetadas.

A proposta é que a escola se preocupe menos com a formação gramatical do texto e observe o conteúdo, a expressão e a ideia. Defendemos que esse diálogo entre a identidade, a vivência e o papel somente um processo produtivo de escrita livre consegue proporcionar. Para o filósofo Vilen Flusser (2010), escrever significa gravar, é uma transcodificação do pensamento, é a transformação das imagens de nossos pensamentos para os conceitos, das cenas para os processos e dos contextos, vivências, para os textos.

A preocupação da escola com a escrita dita culta nos padrões corretos da gramática se perde na perspectiva da certeza de um correto padrão gramatical, o que implica na construção

de estruturas textuais copistas de livros didáticos e de textos de quadros brancos. Constrói uma falsa percepção do correto, e, assim, o aluno lê sem interpretar, aprende sem entender e termina seus estudos sem perceber ou valorizar a importância do ambiente escolar na sua formação enquanto cidadão e ser humano.

Centramos nossa pesquisa no público adolescente estudantes das séries finais do ensino fundamental, com a prática da escrita poética livre, toda essa vivência que eles carregam dentro de si e são silenciados pelo sistema educacional.

1.1 Duelo do *Poetry Slam*

O duelo de poesia *Slam* começou na década de 1980 e, segundo D'alva (2011), foi introduzido na cena poética de Chicago, nos EUA, por um operário da construção civil chamado Marc Kelly Smith. A proposta do duelo encontrou um ambiente propício na cidade de Chicago, território com tradição de poesia falada (*readings* e *spoken words*). A ideia era criar um evento poético chamado *Uptown Poetry Slam*, para a popularização da poesia em contraponto aos círculos fechados dos saraus. Primeiramente, a apresentação se organizou com performances poéticas e, posteriormente, passou a ter caráter de competição. A prática do *Slam* pode ser associada à cultura *Hip Hop*, pois, assim como as demais manifestações dessa cultura, ele faz do cotidiano vivido nas ruas um espaço de sociabilidade, a expressão das minorias espalhadas pelas periferias do mundo. As poesias são um grito de uma população marginalizada, escondida dos grandes círculos da produção acadêmica.

A batalha de poesia falada do *Poetry Slam* possui algumas regras principais: os competidores têm três minutos para apresentar suas poesias autorais e inéditas naquela competição, sem o auxílio de adereços ou de acompanhamento musical. A poesia será julgada pelo público e por jurados imediatamente após a apresentação, em uma escala de zero a dez. O júri é constituído por pessoas escolhidas aleatoriamente na plateia (D'alva, 2011).

Poderíamos definir o *Poetry Slam*, ou simplesmente *Slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D'ALVA, 2011, p. 109).

Na prática do *Slam*, o significado dos poemas se constitui tanto na narrativa em primeira pessoa, como na intensidade afetiva exposta no tom de voz, na corporeidade e no relacionamento com o público. A teatralidade das performances, a dinâmica da respiração e a expressão corporal estabelecem uma comunicação ampla. A experiência da poesia deixa de ser sobre o privado e exerce uma relação dialógica entre autor e público.

O *Slam* está inserido no contexto do *Hip-Hop* e é uma manifestação da cultura marginalizada, cujo objetivo das batalhas não é promover os participantes como grandes produtores de literatura e poesia; consiste em dar voz aos diversos sujeitos inseridos nesse contexto dos grandes centros urbanos do século XX. O *Slam* é uma performance identitária marginalizada, permitindo conexões e encontros num espaço cultural aberto; um exemplo de poesia engajada e cooperativa; um espaço onde a palavra é compartilhada entre todos sem hierarquia; um círculo poético através do qual as demandas urgentes de determinada comunidade e suas questões mais tocantes são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com seu contexto social e histórico a partir de suas experiências (D'ALVA, 2011).

No Brasil, o primeiro *Slam* de poesia foi o “ZAP! *Slam*” (ZAP é uma abreviação para Zona Autônoma da Palavra), organizado por Roberta Estrela D’Alva desde 2008, em São Paulo, através do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Roberta Estrela D’alva, além de ser responsável pela organização do primeiro evento de *Poetry Slam* no Brasil, foi a primeira *Slammer* brasileira a participar da Copa do Mundo de *Slam*, em 2011, e a primeira pesquisadora a publicar um artigo sobre a cena do *Poetry Slam*, em São Paulo.³

O segundo *Slam* a ser organizado no Brasil, foi o *Slam* da Guilhermina, criado por Emerson Alcalde, poeta e *Slammer*. A batalha acontece desde fevereiro de 2012 ao lado da estação de metrô Guilhermina-Esperança, na Zona Leste de São Paulo. Inspirado pelos duelos de MCs, Alcalde inovou, criando uma batalha em que o público se mistura entre seguidores dos *Slammers* e pessoas que transitam pelo local ao sair da estação de metrô. Emerson Alcalde também é o idealizador e criador do *Slam Interescolar*, inspirado pela Copa do Mundo de *Slam* de 2014, quando o poeta assistiu a um *Slam* entre escolas no *Téâtre Belleville*, de Paris. Ao voltar ao Brasil, ele propôs ao *Slam* da Guilhermina organizar um campeonato de poesias entre as escolas de São Paulo, tal qual viu na capital francesa (NEVES, 2017).

Em 2015, Alcalde procurou escolas das redondezas da Zona Leste de São Paulo, promoveu *workshops*, ministrou palestras falando a respeito do *Poetry Slam*, ofereceu oficinas

³ D’ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - O poetry Slam entra em cena. *Synergies Brésil*, 2011, n. 9, p. 119-126. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

de escritas poéticas, mostrou vídeos de eventos dos *Slams*, com o intuito de incentivar professores e estudantes e, então, organizar o primeiro *Slam* Interescolar de São Paulo. O processo deu frutos e, em 2016, o Segundo *Slam* Interescolar contou com 20 escolas, sendo 19 públicas (estaduais e municipais) e uma particular.

Com o passar dos anos, o evento se espalhou pelas escolas do Brasil e, em 2019, o movimento conseguiu promover o primeiro *Slam* Interescolar Nacional, que contou com participação de 76 estudantes dos Ensinos Médio e Fundamental, dos estados da Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. O evento vem ganhando força e, mesmo com o processo de isolamento resultante da pandemia de Covid-19, teve sua realização de forma *online* nos anos de 2020 e 2021 (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021).

1.2 *Slam* no espaço escolar: Pedagogia de Multiletramento em diálogo com a Cultura do educando

O termo *multiletramento* teve origem em setembro de 1996, a partir de um grupo formado por dez pesquisadores de áreas distintas relacionadas à educação que se reuniram na cidade de New London, estado de New Hampshire, nos Estados Unidos. O objetivo do encontro era discutir a problemática do letramento e suas implicações educacionais resultantes das mudanças determinadas pela globalização, pela tecnologia e pela diversidade sociocultural. No final do século XX, o Grupo de Nova Londres já chamava a atenção para o impacto crescente das tecnologias da informação e da comunicação na vida social e cultural da humanidade, possibilitando transformações nas práticas de letramentos e, com isso, colocando em xeque o papel preponderante que a escrita exerce em certas instâncias da vida social e, particularmente, na educação (PINHEIRO, 2021).

O Grupo Nova Londres (1996), no manifesto publicado: “Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais”, propõe uma discussão levando em consideração as características socialmente desejáveis para que o indivíduo fosse considerado letrado, bem como as pedagogias necessárias para atingir o conceito de letramento. O foco da reflexão proposta pelo grupo era entender o modo como o ensino da leitura e da escrita deveria responder às transformações em curso na sociedade global, traçando um percurso para o futuro da educação no mundo (GRUPO NOVA LONDRES, 1996, p. 25)⁴.

⁴ A Revista Linguagem em Foco, do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE, disponibilizou uma tradução do texto original publicado em 1996. A referência do texto está disponível neste

Ao tratarem da linguagem, os autores do manifesto apontavam que os novos meios de comunicação estão dando nova forma ao modo como nos comunicamos. A palavra que produz sentido, seja ela escrita, ouvida ou falada, muda rapidamente, ligando-se a modos visuais, espaciais e gestuais, para além da palavra escrita. Os modos de representação baseados apenas na língua não eram mais suficientes.

O que poderíamos denominar “mero letramento” permanece centrado apenas na língua e, geralmente, em uma forma nacional e singular de língua, concebida como um sistema estável, baseado em regras, e no domínio da correspondência entre letras e sons, supondo-se que é sempre possível discernir e descrever o uso correto do sistema e de suas regras. Tal visão de linguagem se traduzirá caracteristicamente em um tipo mais ou menos autoritário de pedagogia. Uma pedagogia de multiletramentos, ao contrário, concentra-se em modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua. Eles diferem de acordo com a cultura e o contexto e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos (GRUPO NOVA LONDRES, 1996, p. 6).

O grupo propõe, então, como metalinguagem e chave para uma nova pedagogia, a palavra multiletramentos, alegando que este termo derivado abrangeria, em seus prefixo e plural, todas as questões apontadas como mudanças globais, tanto nas sociedades quanto nas linguagens.

O pioneiro manifesto apresenta, pela primeira vez, o conceito situado no cidadão “multiletrado”, como um conceito da educação do futuro. O conceito de multiletramento se refere às práticas sociais de letramentos multimodais, ou seja, realizadas através de diferentes modos de representação, tais como texto verbal (escrito de forma linear ou hipertextual), imagem, som, gestos etc., realizadas em situações comunicativas e contextos de uso variados, envolvendo tecnologias, diferentes gêneros e mídias (ROJO, 2010).

Para atingir essa proposta pedagógica, o grupo sugere quatro componentes:

[...] a Prática Situada, que se baseia na experiência de construção de significado em mundos da vida: o domínio público e os locais de trabalho; a Instrução Explícita, por meio da qual os alunos desenvolvem uma metalinguagem explícita do *design*; o Enquadramento Crítico, que interpreta o contexto social e a finalidade dos projetos de significado; e a Prática Transformada, por meio da qual os alunos, como criadores de significado, tornam-se designers de futuros sociais (GRUPO NOVA LONDRES, 1996, p. 8)⁵.

Os quatro elementos apresentados partem do princípio de uma educação libertária, como defendia Paulo Freire, entendendo o processo de ensino de maneira dialética, assim como a teoria Histórico-cultural de Vigotski. O foco é o educando, e espera-se que os alunos se tornem

trabalho, bem como o link para acesso. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>.

⁵ Utilizamos a tradução disponibilizada pela Revista Linguagem em Foco do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE.

capazes de produzir novos conhecimentos e sentidos a partir de suas práticas e contextos situados. Uma relação que passa a ser transformada pelos próprios estudantes por meio do processo pedagógico esperando que esses alunos também sejam capazes de continuamente (re)transformá-la.

A tarefa proposta na pedagogia dos multiletramentos é promover uma educação de sentidos direcionada ao engajamento crítico com vistas à preparação para viver em uma sociedade multicultural. O espaço escolar deve ser um ambiente que permita a existência de relações discursivas abundantes, conectando os alunos à leitura, à escrita, à fala e à escuta. Além disso, deve promover experiências e conhecimentos que tornem o estudante apto a viver e transformar esse mundo tão complexo e em constante mudança. Na pedagogia dos multiletramentos, os alunos não se adaptam ao mundo, eles criam e são estimulados a permanecerem criando (COSCARELLI, 2021).

1.3 Slam e a Pedagogia do Multiletramento

Quando voltamos nosso olhar para a escola, percebemos que os currículos tendem a se organizar de maneira a atender somente aos limites de uma suposta normalidade. O sistema tende a compactuar com um modelo educacional que se encaixe aos padrões morais impostos pela sociedade. Desse modo, muitas das necessidades dos alunos que se fazem presentes naquele espaço acabam sendo ignoradas pelo currículo e pelo sistema. Apesar das muitas discussões acerca da necessidade de adaptação e transformação dessa visão tão limitada, a escola ainda está muito ligada à perspectiva de um ensino tradicional que mais exclui do que inclui os estudantes. Nesse sentido, a escola tradicional se fecha à diversidade e ao multiculturalismo e nunca se apresenta pronta para trabalhar com realidades variadas. (hoocks, 2017)

Para Soares (1998), o termo letramento é a versão para o português da palavra da língua inglesa *literacy*, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Nessa concepção, ser letrado é muito mais do que saber ler ou escrever, é um estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Com o avanço técnico da sociedade, as relações sociais e de trabalho se tornaram cada vez mais ligadas e dependentes da língua escrita, ganhando mais valor e visibilidade. Já não bastava entender, codificar e decodificar os códigos linguísticos, era preciso

que essas práticas de leitura e escrita possuísem algum valor ou significado para o mundo do alfabetizado.

É dessa maneira que a pessoa letrada muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com os outros, com o contexto e com os bens culturais. O uso da língua escrita muda a forma de usar a linguagem oral. Mesmo que no Brasil o letramento e a alfabetização não sejam tratados como sinônimos, é comum que o termo letrado apareça ligado ao conceito de alfabetizado.

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento (SOARES, 2006, p. 90).

Ao se falar de *Slam*, esses conceitos apresentados anteriormente, de alfabetização e letramento, são insuficientes na medida em que ambos não compreendem a multiplicidade de linguagens presentes nos textos que são produzidos e apresentados nos duelos. Tal prática deve ser entendida a partir do conceito de Multiletramentos, principalmente, ao se analisar a proposta da constituição dos textos. Quando o poeta se propõe a escrever um texto para participar da batalha de *Slam*, está presente naquele desenho poético, não só a capacidade do indivíduo decifrar um código qualquer, mas o modo de apresentação desses códigos. O tom de voz, a dinâmica na respiração e a linguagem livre utilizada fazem a diferença para a compreensão e o domínio daquela palavra falada.

No caso do *Slam*, essas competências às quais Soares (2006) se refere, são usadas em um contexto em que o *Slammer* dialoga com a plateia, expondo suas ideias, necessidades e sentimentos, interagindo com quem o escuta. Naquele espaço, o *slammer* é protagonista, suas ideias ganham voz e assumem um lugar central de narrativa da história. Suas reivindicações habituais e seus gritos são ouvidos. É com o MIC na mão, nas batalhas de *Slam*, que aqueles jovens marginalizados e silenciados ganham um espaço para expor como são capazes de articular suas práticas sociais e valores culturais.

A noção de multiletramentos complementa a pedagogia do letramento tradicional ao abordar esses dois aspectos relacionados à multiplicidade textual. O que poderíamos denominar “mero letramento” permanece centrado apenas na língua e, geralmente, em uma forma nacional e singular de língua, concebida como um sistema estável, baseado em regras, e no domínio da correspondência entre letras e sons, supondo-se que é sempre possível discernir e descrever o uso correto do sistema e de suas regras. Tal visão de linguagem se traduzirá caracteristicamente

em um tipo mais ou menos autoritário de pedagogia. Uma pedagogia de multiletramentos, ao contrário, concentra-se em modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua. Eles diferem de acordo com a cultura e o contexto e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos.

As diferentes práticas de letramento advindas dos movimentos culturais urbanos – tais quais o *Slam*, o hip-hop, o rap – atribuem diferentes valores aos usos e sentidos da leitura e escrita, promovendo uma desacomodação de saberes que não estão mais ligados unicamente aos ambientes formais da educação. Nesse sentido, a escola, na maioria das vezes, não acolhe nem aceita esses saberes como pertencentes ao seu meio (ALVES; SOUZA, 2020, p. 10).

O conceito de multiletramentos é amplo e dialoga com o particular e o social da língua e das produções. O texto que se produz para uma apresentação do *Slam* se constitui com características multimodais e multifacetadas. Essa especificidade, rompe com a ideia, moralmente construída, de "escolarizado". A poesia produzida para a apresentação nos *Slams* traz em sua constituição, imagens específicas de uma realidade obscura. Os arranjos e rimas são muito particulares e impregnados de significados contemporâneos, as gírias utilizadas e as ideias proclamadas, estão além da normatização da escrita. Para compreender pedagogicamente esses textos, é preciso um olhar a partir dos multiletramentos, isto é, a poesia produzida para um duelo de *Slam* pode ser interpretada como um gênero discursivo que se constrói a partir “[...] de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO; MOURA, 2012, p. 19).

A relação que a sociedade e o sistema educacional estabelecem entre letramento e escolarização controla mais o olhar do que o expande. Tal ação, acaba por não permitir enxergar as possibilidades de letramento existentes no espaço escolar e na sociedade, gerando fortes efeitos sobre a avaliação e medição do rendimento do educando. Isso porque a escola, com suas regras, normas e conceitos pré-definidos, não aceita os diferentes saberes de seus alunos, excluindo-os, então, do grupo dos letrados do sistema escolar.

No entanto, apesar de muitos dos estudantes não serem considerados pela escola como usuários autônomos da língua escrita por não dominarem às normas e regras estabelecidas pelo currículo, fora do ambiente escolar, em diversos espaços, em diferentes culturas, esses jovens se comunicam e se interagem com diferentes realidades, sujeitos e grupos sociais. Provando que os letramentos empregados em inúmeras atividades existentes em nossa sociedade são múltiplos. Ali esse jovem se comunica e ressignifica o uso da linguagem tanto quanto for necessário para adaptar-se e viver.

Portanto, entendemos que, ao serem propostas práticas educativas, como a organização de um duelo de poesia *Slam*, possibilita-se a abertura de um espaço de diálogo com a cultura do educando. Está na essência e na história do *Slam* a forma de livre expressão, uma escrita livre poética que não possui obrigação de ater-se a padrões vigentes de literatura. A prática do *Slam*, dentro do espaço escolar, muito mais do que contribuir como um gênero de estudo das disciplinas de português ou literatura, mostra-se capaz de expressar uma proposta educacional de libertação e de voz a estudantes que são constantemente silenciados ou não são acolhidos pelo sistema escolar de maneira que respeite suas individualidades e diferenças culturais e linguísticas.

O *Poetry Slam* se insere no conceito do multiletramento, pois o duelo pensado como metodologia ativa de prática educativa promove ensino-aprendizagem capaz de inserir os fundamentos de uma cultura local, algumas vezes marginalizada, com outras culturas institucionalizadas e globalizadas, com uma multiplicidade de formas de comunicação, de linguagens e de canais de mídia. Essas práticas educativas assumem uma nova configuração, ultrapassando a rigidez do sistema de ensino, fundamentado na normalização dos corpos e na falta de diálogo com a realidade das crianças, adolescentes e jovens (AZEVEDO, 2021).

Para que esse desafio de ensinar a todos aconteça em sua plenitude, é preciso extrapolar a rigidez dos conceitos de utilização do material didático e do currículo e considerar a interculturalidade presentes no espaço escolar. O termo multiletramento está relacionado não apenas às formas oficiais de letramentos utilizadas na escola, mas nas formas não incentivadas, marginalizadas. Dessa maneira, o multiletramento focaliza tanto a realidade local quanto a conexão com o global, abrangendo as variedades e situações diversificadas de linguagem. Promove o rompimento do professor com a pedagogia centrada na imposição da escrita alfabética baseada em regras normativas, no monoculturalismo e na normalização dos indivíduos (BENTES, 2012).

E por que poesia? Em geral, a poesia é apresentada aos estudantes como algo erudito, representação de algo muito culto. Dessa forma, ao propor o trabalho de livre escrita poética, é preciso apresentar um outro conceito de poesia, uma escrita diferenciada. Em formato livre, com conteúdo marginal e referências ao cotidiano, poesia que está presente nas letras de música, no rap, no repente, no cordel e na conversa diária. Dessa forma, consegue se romper com a ideia de que poesia é algo enfadonho e elitizado.

O primeiro gatilho provocado pela poesia marginal vem do tema, mas ela também provoca com a sonoridade e estética da apresentação. É uma poesia engajada que se preocupa

com a narrativa, retrata experiências afetivas e cotidianas. O primeiro contato é para provocar um pretexto ou mecanismo para o despertar criativo, permitindo a expansão da visão do aluno para outras possibilidades discursivas.

Para Pilati (2017), o local da poesia é na escola, desde que o ensino do gênero poético seja “desescolarizado”. Dessa forma, o ensino de poesia na escola, em contraponto à educação bancária, deve priorizar a luta dialética que se trava no cotidiano que perpassa as esferas individuais e coletivas e que se mantém em diferentes tempos históricos. O autor também entende que, ao ensinar poesia na escola, além da leitura, a aprendizagem efetiva do gênero perpassa pela escrita, que segundo ele seria um elemento crucial de aprendizagem.

É fundamental que seu ensino [da poesia] tome como princípio uma prática pedagógica que estimule nos educandos a atividade criadora, seja no papel de leitores seja no papel de produtores. Para dar espaço a uma pedagogia criadora na sala de aula de literatura, devemos ter em mente que o ensino da literatura é inseparável do ensino da escrita (PILATI, 2017, p. 55-6).

Para Bronckart (2003), a linguagem está articulada às necessidades humanas, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos. A linguagem se efetiva por meio de enunciados resultantes da interação, sua proposta abandona a noção de “tipos de texto” e adota a noção de “gêneros de texto e tipos de discurso” como formas comunicativas. Esses discursos, também chamados de “sequências”, são formas linguísticas que compõem o texto e traduzem o efeito de sentido. Portanto, não é o texto pelo texto que está em questão, nem seus aspectos linguísticos apenas, mas, principalmente, o texto como portador de sentido, isto é, como algo materializado do mundo vivido, pensado e sócio historicamente construído (PAVIANI, 2012).

Essa referência reforça que a prática ou o incentivo de práticas de escrita livres pode proporcionar maior diálogo com seus estudantes, uma interação que muitas das vezes a escola não consegue produzir. Trazer para dentro do espaço escolar os sentimentos e aflições dos alunos, reconhecendo o conhecimento adquirido por meio de suas interações sociais ao longo do tempo, reconhecendo esse sujeito que está em formação desde seu nascimento.

E é com o objetivo de dar voz ao educando que defendemos essa visão da poesia presente no nosso cotidiano. Além de referendar o multiletramento, o *Slam* promove, através de uma escrita livre poética dos alunos, da oralidade da poesia falada, da performance das apresentações e da observação através da escuta, um amplo diálogo com as vivências, os discursos e ideologias, dos educandos. Rompendo com o silêncio sistêmico existente no ambiente escolar, fruto de uma visão educacional puramente tecnicista e mecânica. O *Poetry Slam* é uma possibilidade de leitura e escrita de uma poesia que é viva, em um gênero em plena

circulação, uma vez que é na batalha entre os poetas que este gênero poético específico se efetiva e que, ao mesmo tempo, abre espaço dentro do ambiente escolar para o desenvolvimento de uma escrita autoral, inserindo o jovem em novos espaços discursivos dentro da escola.

1.4 Promovendo o diálogo com a cultura do educando

Apresentamos, em sequência, a poesia de Rafaela Rodrigues Marcondes, 14 anos, apresentada no *Slam* Interescolar de São Paulo, 2018, para seguir na reflexão sobre *Slam* e a cultura do educando⁶:

Tá carregada
e você tá na mira da minha rima
e a bala vai sair cortada
e acertar tua mente quadrada
é que hoje eu tô no tráfico
me enquadra
e vê se acha toda a verdade
que eu tô portando pra falar
na minha mochila tem uns pacotes
de 5, de 10, é só chegar
conteúdo? Poesia
te garanto que numa brisa louca tu vai ficar
vai até bater uma larica
mas é só pegar caneta e papel
que vai passar
pode chapar
bebe uns corote de conteúdo e dá pt de informação
vamo marginalizar
e escrever nossos versos no busão
Baile da Gaiola? Baile?
Já pensou no sarau da Gaiola?
as mina recitando
os mano mandando a rima
representando a voz da periferia
sabe o que eu vou injetar?
umas doses de empoderamento
eu vou dopar e dar uma cheiradinha em conhecimento
LSD? pode usar
liberdade, salvação e defesa
da quebrada
eu não vou deixar
a sociedade colocar uma corda no meu pescoço colocar
empurrar meu futuro brilhante
e me deixar presa no que seria meu destino
e sabe o país que eu quero?
"o jovem no país sendo levado a sério
quem corre atrás, labuta, nunca perde a luta"
e por mais que pareça pouco
nossa luta vai começar na poesia

⁶ Assunção, C. A.; Jesus, E. A.; Santos U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo: LiteraRua. p. 66-67.

na liberdade de expressão
a salvação serão os versos
e vai ter defesa
de uma favela que eu tenho certeza
que ainda tá viva.

Segundo Candau (2011), não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura. Esses universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação. Vigotski (2021) coloca a cultura como centro organizador dos processos educacionais:

Há todos os fundamentos para supor que o desenvolvimento cultural consiste na assimilação de meios de comportamento que têm por base a utilização e emprego de signos para a realização de determinada operação psicológica, que o desenvolvimento cultural consiste no domínio desses meios auxiliares de comportamento que a humanidade criou no processo de seu desenvolvimento histórico e que são a língua, a escrita, o sistema de cálculo, entre outros (VIGOTSKI, 2021, p. 76).

O domínio das funções da linguagem apropriadas pela cultura promove a condição de articulação de saberes, conhecimentos e a geração de uma aprendizagem geracional, tal como fica visível neste verso: “[...], mas é só pegar caneta e papel que vai passar pode chapar bebê uns corote de conteúdo e dá pt de informação vamo marginalizar e escrever nossos versos no busão [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 66). A cultura do aluno atravessa e condiciona o saber para além do conhecimento formal, numa espécie de apropriação de um mundo próximo à sua realidade. Candau (2008) defende que uma real perspectiva intercultural é aquela que promove uma educação para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

Uma educação para a negociação cultural que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. Para tal entendimento, o *Slam* escolar representa essa resistência quando realiza esse confronto entre ideias diferentes expostas por estudantes com amplas diferenças, expondo suas críticas, anseios, pensamentos e posicionamentos, através dos espaços que a prática do *Slam* pode oferecer.

O aluno *Slammer* utiliza sua linguagem, não a formal defendida no currículo escolar, mas a que representa sua vida cotidiana, seus antepassados e as experiências vivenciadas por ele ou ouvidas ao longo de sua pouca idade. Ele expressa as dores de sua formação familiar, as violências cotidianas de seu bairro e as inquietudes da adolescência encarnada em três minutos

que pertence apenas a ele. São seus três minutos de liberdade de expressão, quando ninguém o impede seu livre pensar. Ali ele reexiste, resistindo à cultura escolar rígida e pouco integrada à sua realidade, e existe, posicionando-se como um indivíduo inserido naquele espaço com sentimentos, ideias e vontades.

Sendo assim, a prática do *Slam* se apresenta não só como ferramenta pedagógica, mas como um instrumento de manifestação e reafirmação de identidade, manifestação de sentimentos e posicionamento de jovens e adolescentes frente a essa sociedade com a qual eles convivem, dialogam e resistem. Ali, em seus três minutos de fala, nasce o grito de liberdade desse estudante, sem imposições ou restrições, visto que sua fala será respeitada, sua manifestação ouvida e sempre apreciada.

Um dos principais cenários do atual processo educacional é a simples, pura e organizada preocupação com a informação. Jogam informações sem nenhuma relação com a vida dos estudantes, pois a escola é um espaço onde os professores se preocupam em passar conteúdo, digladiam-se para debater um currículo e correm contra o tempo para apresentar todo o portfólio de seu trabalho estruturado no índice do livro didático. Porém, em raros momentos, procuram se relacionar, conhecer e aprender com a sua classe. Em determinadas situações, a interação aluno e professor ocorre de forma esporádica, como em festejos e reuniões, estabelecidas por um calendário escolar.

E é nesse cenário desassociado do cotidiano do educando que emerge uma série de anseios e insatisfações, que borbulham internamente e ganham forças no processo de interação social, no diálogo com o colega, no relato do professor. E são essas experiências, somadas às experiências adquiridas do educando ao longo de sua curta vida, que, como define Vigotski (2021), formam uma identidade, um posicionamento e, muitas vezes, são silenciados. Como saber o que se passa internamente e como esses estudantes enxergam e entendem sua realidade? A prática do *Slam* no espaço escolar, quando o *slammer* manifesta sua identidade através de um poema de três minutos, pode ser a válvula da expressão reprimida.

A escola é um espaço único para a promoção da consciência, sendo necessário construir práticas educativas em que a questão da diferença e do multiculturalismo se façam cada vez mais presentes. É preciso ver a escola como um espaço de cruzamento de culturas, atravessado por tensões e conflitos, um espaço de promoção da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade (CANDAU, 2008).

O acesso ao conhecimento somado ao respeito às experiências culturais e as relações sociais pode ser um suporte no desenvolvimento do aluno como sujeito sociocultural, além do

aprimoramento de sua vida social, situação expressa no verso: “[...] e por mais que pareça pouco nossa luta vai começar na poesia na liberdade de expressão a salvação serão os versos e vai ter defesa de uma favela que eu tenho certeza que ainda tá viva [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 67). O sentido do saber é uma conquista do estudante e do professor. Em nossa realidade, é uma luta para aproximar saberes. Desta forma, torna-se necessário a ampliação de práticas que busquem entender a escola na sua dimensão transformadora e relacionada com o cotidiano, imersa na realidade social do espaço que ela ocupa na comunidade, melhorando o nosso olhar sobre o papel da instituição, seu papel no processo educacional e na formação de seus sujeitos, contribuindo, assim, para a problematização da sua função social (DAYRELL, 2007).

Para Dayrell (1996), é importante observar o papel que cada sujeito desempenha na escola. Esses papéis são construídos nas relações estabelecidas no ambiente escolar, sendo a sala de aula um espaço de despertar dessas funções. O autor aponta que esses papéis levam em consideração a identidade que cada um veio construindo, até aquele momento, em diálogo com a tradição familiar e com suas experiências pessoais, pois esse “é um diálogo com estereótipos socialmente criados, que terminam por cristalizar modelos de comportamento, com os quais os estudantes passam a se identificar” (DAYRELL, 1996, p. 20). Com efeito, a construção do papel desses jovens, como estudantes, acontece a partir das suas relações, das suas vivências.

O estudante aprende quando, de alguma forma, o conhecimento se torna importante para ele, ou seja, quando estabelece relações sentidas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já conhece. É um processo de construção de sentidos, mediado por sua percepção sobre a escola, pelo professor e sua atuação, por suas expectativas e pelos conhecimentos prévios que já possui. A aprendizagem implica, assim, estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno (DAYRELL, 1996).

Dessa forma, para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do educando como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, suas percepções e suas aspirações são mediadoras no processo de ensino e aprendizagem, bem como descrito neste verso: “[...] eu não vou deixar a sociedade colocar uma corda no meu pescoço empurrar meu futuro brilhante e me deixar presa no que seria meu destino” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 67). O empoderamento do saber mobiliza novas aspirações e desejos para o futuro. Uma conscientização que arranca o destino do saber da mão de terceiros e promove uma reapropriação.

A falta de acesso dos estudantes a um currículo ou prática educativa significativos, que possibilite um diálogo com sua realidade, aliada a uma escola rígida e uma ideia pedagógica estreita, pode ser uma das causas para a evasão escolar, principalmente entre os setores mais populares da nossa sociedade.

2 O SLAM, POESIA MARGINAL EM CONSTANTE MANIFESTAÇÃO DAS IDENTIDADES

Segundo Vigotski (1999), o homem é um ser essencialmente social, mesmo que ele não seja um simples e exclusivo produto do meio, ou seja, não é simplesmente o meio que determina, é a relação de reciprocidade com o meio que o forma. Um processo dialético, em que o sujeito se faz ao se inteirar com o outro, com o espaço e em sua prática social. Trata-se de um processo único e irrepetível, cada um, a seu modo, oferece a sua contribuição única e, ainda, constitui-se nesse movimento reflexivo. O indivíduo não se confronta com a cultura, mas a absorve e é absorvido por ela de forma única.

Norteamos nossa pesquisa, por meio da Teoria Histórico Cultural, pois entendemos o homem como um sujeito histórico, mediados pelas condições culturais e sociais presentes no seu contexto, o que o torna um ser em movimento. É através da ação do ser humano em sociedade que se cria condições de existência, por meio de uma relação dialética entre indivíduo e sociedade, sem que um se simplifique no outro, embora os dois se interajam. Dessa maneira, seu pensamento é guiado pelas suas condições concretas de vida, e não o contrário. Sendo assim, é necessário refletir sobre as vivências⁷ do ser humano para que possa entender a subjetividade e a importância desse habitat criativo.

Ao conceituar a arte, Vigotski (1999) entende que ela promove uma catarse⁸ estética que purifica, revela e explode para a vida social dos seres humanos potencialidades até então estáticas, indisponíveis. A arte resgata nossas comoções íntimas de sua ociosidade, disponibilizando-as para a vida. A arte multiplica nossos sentimentos, consumindo nossa energia e implicando em algum poder do homem sobre o próprio desejo. A arte da performance do *Poetry Slam* expõe essa ideia a partir não só do significado dos poemas, mas de uma constituição de elementos que se conjugam através da narrativa em primeira pessoa, do ato da oralidade, do tom de voz, das expressões do corpo e das relações com o público. O *Poetry Slam* faz com que a poesia seja a exemplificação dessa ideia vigotskiana da arte. A teatralidade das

⁷ Neste trabalho, entendemos o conceito de Vivências em Vigotski de acordo com a tradução e interpretação da professora Zoia Prestes, em sua Tese de doutorado, defendida e publicada pela Universidade de Brasília no ano de 2010, com o título: *QUANDO NÃO É QUASE A MESMA COISA: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil Repercussões no campo educacional*.

⁸ Neste trabalho, entendemos a Catarse em Vigotski como as professoras Zanatta e Silva (2017) definem em seu artigo *Apontamentos sobre o conceito de catarse em Vigotski para o ensino de arte na escola*, a hipótese que norteia o estudo é de que a catarse se constitui em um dos elementos centrais no processo de ensino e aprendizagem em artes visuais, considerando a primazia que o objeto artístico deve ocupar nesse processo, em suas diversas possibilidades educativas.

performances, a dinâmica da respiração e a movimentação corporal estabelecem uma comunicação ampla. A experiência da poesia deixa de ser sobre o privado e exerce uma relação dialógica entre autor e público (BARROCO, 2014).

A arte é o social em nós, e o se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais. [...] O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. [...] A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade (VIGOTSKI, 1999, p. 315).

Segundo Prestes (2010, p. 117), “as buscas de Vigotski envolviam a compreensão da função da arte na sociedade e na vida da humanidade”. A afirmação “a arte é o social em nós” implica considerar que “a arte tem a função de superação do sentimento individual e o aspecto criativo da arte está no fato de ela possibilitar a transferência de uma vivência em comum”.

Com isso, o duelo de poesia *Slam* é a representação dessas identidades que se manifestam através da tradição e oralidade, escrita livre poética, vivências e escrevivências, dialogando com as experiências e com o meio no qual a identidade do poeta se forma. Para Vigotski, o homem organiza suas experiências numa ordem significativa por meio do conhecimento adquirido ao longo dos anos e as interpretações construídas em sua mente. Nele estão articuladas suas referências de mundo e de si mesmo, seus conceitos, crenças, ideias, atribuições sobre si, seu habitat e suas relações sociais. Dessa forma, compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade. O homem, atua interferindo no mundo e, ao mesmo tempo, é afetado por esta realidade, constituindo seus registros.

2.1 Tradição e oralidade

Enquanto o mundo ocidental e as nações ditas "modernas" desconstruíam e desvalorizavam o saber transmitido pela oralidade, através do discurso de valorização do saber escrito, reproduzindo mentiras sobre os povos sem escrita, afirmando que eles eram povos sem cultura. Inúmeras culturas milenares sobreviveram através da tradição oral. Ao problematizar o testemunho oral sobre o testemunho escrito, Hampaté Bâ (2010) pontua que independente da forma como o ser humano registra determinado fato histórico, esse não deixa de ser feito por um ser humano. Para ele, ao final, o que vale é a testemunha e não o testemunho, ou seja, escrita ou oral a fidedignidade do testemunho está em quem transmite e não em como é transmitido, pois, para escrever um relato, é preciso utilizar a memória e recordar tal fato.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167).

O que caracteriza as sociedades orais, ainda de acordo com o autor, é a forte ligação da pessoa com a palavra. Assim como na sociedade escrita o que está no papel é a única prova, na sociedade oral a pessoa se torna a única prova, o único registro. A tradição oral vai para além de “um testemunho transmitido oralmente de uma geração para a outra” (VANSINA, 2010, p. 140). Na cultura africana, a fala é considerada um dom de Deus. Sendo a fala manifestação das forças divinas, logo, o ato da fala e da escuta ganha um significado muito maior do que se costuma atribuir a elas.

Nas culturas africanas, a oralidade sempre foi um importante instrumento de transmissão cultural. Podemos citar a importância social que os oradores cumpriam em algumas sociedades africanas. Temos como o exemplo os *Griots*, que são os transmissores de conhecimento. Os *griots*, além de artistas, músicos, contadores de histórias, conselheiros de rei, o griot é, sobretudo, um mediador de conflitos. Os *griots* desempenham uma função fundamental nos diálogos de uma sociedade africana, pois transmitem conhecimento para a formação e educação da comunidade a que pertencem (BERNAT, 2013).

Para o sociólogo Fabio Leite (2008), existem duas formas de apresentação da África. Uma delas é a África-objeto, observada pelas lentes das câmeras fotográficas, desenhada por meio de um olhar ocidental, externo e pautado na perspectiva colonizadora, que reduz a África a um primitivismo com ausência de escrita e culturalmente empobrecida. Em oposição a essa visão, está a África-sujeito, percebida como um enorme conjunto de saberes acumulados pela experiência ancestral milenar, marcada pela transmissão oral do conhecimento. Onde a palavra se apresenta como um elemento vital dessa personalidade.

É com essa África-sujeito que o escritor Amadou Hampâté Bâ (2010) busca dialogar, afirmando que a cultura foi propagada entre o povo africano por meio da oralidade, ferramenta comunicativa que se configurou como uma grande biblioteca de tradições que precedem e excedem os vínculos com a escrita: “os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seu pensamento no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

Uma vez que a oralidade atravessa algumas diferenças e consegue se apresentar em diversas instâncias sociais. O seu uso pode estar ligado a um momento muito específico, no

qual a voz do narrador ou poeta legitima a mensagem transmitida ao receptor. Essas vozes podem se apresentar como ferramentas de informação e conscientização. Nesse sentido, entendemos que há uma forte relação entre o griot africano e as *slammers* – poetas que participam dos *slams* – que, em suas narrativas, firmam a experiência comunicativa do grupo ao qual pertencem.

Vigotski afirma que a oralidade é uma das principais ferramentas pela qual o ser humano se apropriou das formas mais complexas de comunicação. Através da oralidade o ser humano se apropria da linguagem e gradativamente desenvolve formas de comunicação. À medida que ele se apropria da oralidade e passa a utilizá-la, ele estabelece um diálogo com o mundo exterior, onde a linguagem e, conseqüentemente, a língua, possibilitam diversas relações de trocas, dando fluidez aos processos criativos e de comunicação. Assim, a mediação dos processos comunicativos materializados a partir da linguagem favorece ao ser humano a manutenção de uma prática de interação social com o seu meio e, ainda, garante a possibilidade de se relacionar com o mundo que ele carrega dentro de si (VIGOTSKI, 2001).

A oralidade se apresenta como a base da interação social, ela é a responsável pela transmissão de experiências e conhecimentos e pela preservação das memórias e das vivências. A palavra oralizada orienta, ensina e constrói narrativas, contribuindo para a construção da identidade de um grupo, uma tribo e um povo. Nessa perspectiva, os *slammers* se apresentam como sujeitos que, em tempos de globalização, transitam entre a tradição e a modernidade.

De acordo com Souza (2011), o sistema educacional formal e predominante tende a segregar práticas de letramento respaldadas pela oralidade, desvalorizando-as em favor do letramento escrito, seguindo uma normatização cultural europeia. Assim as leituras das comunidades tradicionais africanas e afrodescendentes, influenciadas pela tradição oral, não tiveram e, ainda não tem, muito espaço frente aos textos de leitura e escrita eurocentristas utilizados nas escolas. Além disso, o fato das letras de rap e dos poemas marginais trazerem consigo reflexões, sugestões e narrativas diferentes, questionando a experiência vivida, no lugar de absorvê-la como natural, assusta mais do que inspira os espaços educacionais formais. Esse novo posicionamento subjetivo, no qual o sistema educacional não consegue dialogar, é a linguagem de uma juventude e de uma realidade que o sistema prefere tratar dentro da superficialidade de datas comemorativas do calendário escolar.

para ser leitor, dentro de um processo em que a palavra escrita é europeia e responde às teorias racistas vigentes, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços, marcadamente influenciadas pela tradição oral desvalorizada, juntamente com seu corpo de descendência africana, não têm lugar, valor algum se comparadas aos valores da leitura e da escrita ensinados na escola, ou fora dela (SOUZA, 2011, p. 40).

A proposta de trazer as referências históricas da oralidade para refletir a prática do *Slam* tem como intuito expressar que o *Poetry Slam* se torna uma prática imersiva da realidade vivenciada pela criança. Quando se dá a liberdade para a criança ou adolescente versar de forma livre, ela acaba versando suas experiências, suas vivências. Vivências que podem não ter sido experimentadas por aquele que fala, mas foi ouvida, sentida ou presenciada. A prática do *Poetry Slam* promove em versos a expressão de uma identidade cultural historicamente marginalizada ou negligenciada pelo sistema escolar. Assim a prática da oratória no *Poetry Slam* repassa uma prática ancestral da oralidade e traz em versos as vivências culturais de uma comunidade. Os *slammers* são os *Griots* da modernidade, pois dão voz à cultura marginalizada.

2.2 Vivências e Escrevivências

Segundo a professora Zoia Prestes (2010), para Vigotski, a “vivência” é o uso consciente da experiência, acumulada pelo sujeito, como ato criativo do novo no mundo. Sendo que não existe um meio em absoluto sem a presença do indivíduo que o interprete. Ele definiu vivências como uma relação de unidade, ao mesmo tempo independente e inseparável do sujeito e do meio social,

uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (VIGOTSKI, 1999, p. 686).

Em seu livro “Imaginação e criação na infância”, Vigotski (2018) discute a importância da brincadeira para a criança, pois, segundo ele, é nessa situação que ela aprende as regras sociais que estão presentes na vida real. Quando a criança brinca de imitar um adulto, ela não reproduz por completo cada ato, comportamento e atitude deste adulto. A criança cria, numa brincadeira de imitar. Ela coloca a sua marca de criação, combinando situações da realidade e sua “experiência”. Dessa forma, para Vigotski, a imaginação é uma atividade superior capaz de criar e combinar fatos, percepções e imagens a partir do que já foi vivido, ou seja, a experiência serve de base para a imaginação, mas o produto desta distancia-se do imediatamente percebido (PRESTES, 2010).

Quando o indivíduo, desprendido das exigências de uma produção culta academicista, busca simplesmente se manifestar e coloca todo esse seu sentimento e experiência em palavras. A poesia surge como um grito, as ideias que ecoam são como vozes que interagem continuamente dentro de si. Ele inicia um processo que dialoga com suas vivências e com sua identidade. O produto da escrita livre poética, estimulado pela palavra falada é a expressão do conceito de vivência definido por Vigotski. Essa escrita livre poética é identidade, é resultado da experiência do indivíduo consigo e com o meio. Ela não entra no papel sem carregar essa vivência que se expressa sem amarras, como uma manifestação sincera de sua identidade.

Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza. Eis que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender a estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude (VIGOTSKI, 1999, p. 314).

Para a professora Conceição Evaristo (2010), existe uma forma específica de pensar nos escritos da comunidade negra afro-brasileira. Em sua literatura, a professora e escritora trouxe o termo “escrevivência”, que tem como fundação a figura da Mãe Preta que vivia na condição de escravizada dentro da casa-grande. Foi através dessa imagem que a autora concebeu o termo pensando no ato da escrita de mulheres negras. O termo escrevivência foi construído para dar destaque para a escrita de mulheres negras, exaltando, também, a oralidade no processo educacional e de transmissão cultural. A escrevivência, para a autora, traz a experiência e a vivência da pessoa brasileira de origem afrodescendente conectada com sua origem africana, com sua ancestralidade.

Nesse sentido, Evaristo (2020) explica sobre uma discussão identitária de pessoas que vivem de alguma maneira a experiência da exclusão seja por sua cor, orientação sexual, identidade de gênero ou condição socioeconômica. Escrevivência tem a ver com existência, mas também tem a ver com suas experiências e cultura ancestrais, trazidas ao longo de séculos de exploração, escravização e resistência. Escrever para entender a vida em sua profundidade, pois, conforme a autora, era o que se fazia possível devido à vida tão comedida que essas mulheres levavam. Salienta a autora: “Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas” (EVARISTO, 2020, p. 34).

A ideia da escrevivência da professora Conceição Evaristo, contempla o conceito de Vivências de Vigotski, quando ela defende que essas experiências, por mais que não sejam

vivenciadas, são elementos da construção da mulher negra da sociedade brasileira. Essa mulher que carrega toda sua experiência de vida e mais as experiências de seus antepassados que foram ouvidas, sentidas, assistidas ou até vivenciadas. É o indivíduo em contato com o meio, consumindo essa interação e recriando a partir de sua própria experiência. Criação que se manifesta pela arte.

As produções poéticas do *Slam* são pautadas pelo princípio das escrevivência. Nas ruas, teatros e nas escolas, a poesia do *Slam* reflete uma identidade cultural. Ao pensar na prática do *Poetry Slam* no ambiente escolar, a expressão poética desses *slammers* reflete a identidade das crianças e jovens, suas poesias são um instrumento de resistência as tentativas de controle do sistema educacional que acaba silenciando e negligenciando sua fala, seus sentimentos e sua dor.

Essa produção oportuniza e dá habilidade para que essa juventude transforme a arte como uma expressão de denúncia, um grito, uma ferramenta de tensionamento ao discurso hegemônico do processo educacional. Possibilita uma produção centrada em suas próprias experiências. Evaristo (2020) argumenta que a escrevivência pode parecer a escrita da experiência de uma pessoa ficcionando sua realidade, no entanto ela é “uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade” (p. 35) e assim o povo marginalizado mantém viva a habilidade de contar e reproduzir histórias que dizem de nossa cultura, nossas experiências, tradições e potencialidades.

Vigotski também analisa a escrita e afirma que, tanto a escrita como a leitura, precisam ser necessárias a quem aprende, e a escrita deve ser considerada como uma atividade cultural complexa e não um ato mecânico de mera transcrição do som. É preciso compreender o que a escrita significa para o falante, tornando-a necessária e relevante para a vida e não como um mero hábito. E, por fim, a necessidade de a escrita ser ensinada naturalmente, no sentido de torná-la própria do indivíduo, como a fala, e não um exercício mecânico. O multiletramento faz uma leitura da escrita a partir da conceituação de Vigotski, percebendo que a escrita precisa ser considerada como um produto do processo histórico-cultural como uma forma de linguagem, ou seja, ela é aprendida fazendo-se uso dela e percebendo-se seu funcionamento (VIGOTSKI, 1984).

Escrever é subverter a produção de conhecimento introduzindo uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, disse Soares e Machado (2017). Escrever é uma escolha analítico-metodológica, uma aposta na escrita como forma de resistência onde pessoas são agentes ativas de sua própria história. Escrevivência, conforme as autoras, além de assumir

uma dimensão ética ao se propor a narrativa de um “nós” compartilhado, ela é uma metodologia de uma vivência que é única e exclusiva e não mais um alvo de observações e produções que falam de “nós”. Ela é potência artística inventiva e coloca essa identidade no centro da produção de conhecimento.

2.3 *Slam* e Identidade

Na batalha de *Slam*, a performance acaba proporcionando uma estética muito específica, ela supera os limites da oralidade, dialogando com a imagem, a escrita, a corporeidade, a historicidade e com a prática do discurso. O público é peça integrante da batalha. Desse modo, os espectadores reagem ao final da performance poética do *Slammer* posto que ela pode provocar ódio, paixão, desejo, dor, admiração. Essa é uma relação que pode ser associada ao conceito de Catarse de Vigotski (1999), em que o autor descreve como o processo em que a arte realiza uma síntese entre forma e conteúdo, passando do plano individual, isto é, do artista que trabalhou a obra, para além da emoção inspiradora, para o plano social, da transformação da emoção ao sentimento.

Para Vigotski (1999), a arte é a representação de um todo, por isso, seu efeito deve ser analisado de forma ampla, não como fruto de um homem só (artista), visto que ela é parte de um todo, um coletivo, que envolve o artista, a obra, o público e a história.

Ainda conforme Vigotski (1999), a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, está intrinsecamente ligada à vida e às relações sociais de determinados contexto e período histórico, de modo que, para entender as manifestações artísticas, seu conteúdo e estilo, deve levar em consideração a realidade na qual ela se insere e analisá-la a partir dela.

No duelo, está presente a produção do *Slammer*; mas ali também se envolve o público, que são participantes ativos. Pensando a arte, como descreve Vigotski (1999), a relação entre o artista e a obra, após a criação, não pertence mais somente ao artista. Ela pertence a cada ouvinte, a cada espectador de maneira diferente e única, causando um processo de catarse que se define de forma única e em cada indivíduo.

Pensando na construção da identidade, podemos trazer a proposta de Vigotski (2008) para o debate. Para o autor, a construção da identidade humana é fruto de uma contínua tentativa de “instalar-se” de uma maneira segura no mundo. O homem organiza suas experiências numa ordem significativa por meio do conhecimento adquirido ao longo dos anos e as interpretações construídas em sua mente. Nele estão articuladas suas referências de mundo e de si mesmo,

seus conceitos, suas crenças, suas ideias, seu habitat e suas relações sociais. Dessa forma, compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade. O homem atua interferindo no mundo e, ao mesmo tempo, é afetado por esta realidade, constituindo seus registros.

A seguir, em consonância com as reflexões sobre o debate de identidade e a poética/prática do *Slam*, destacamos a poesia de José Wallisson de Farias Santos (Leão do Norte), 13 anos, apresentada no *Slam* Interescolar de São Paulo, de 2018⁹:

Meu nome é José Wallisson
 Leão do Norte me chamam
 Sou filho de Williane e vó Edite
 Alagoas é minha terra
 Leão fugido pra casa da vó
 Coração abrigo
 Contra a vida seca do pai que bate na mãe
 De onde venho trago memória
 E sentimento de paz e guerra
 Foram muitos caminhos até São Paulo chegar
 Os três retirantes buscavam vida nova e sadia
 Deixamos para trás as pedras de um caminho de uma vida Severina
 Para o passado um novo destino
 Para a violência o coração
 Para o ódio paz renovada
 Para o silêncio nova voz ampliada
 Chegamos a zona leste logo depois recebemos a notícia
 Tiros tiraram a vida de quem um dia foi meu pai
 Hoje eu o perdoo todo mal que ele me fez
 Ele também foi uma vítima
 A minha vingança não é escrever esse poema é ser poesia
 Hoje nesse ato de coragem conto minha própria história
 Para que cruze os fios de outras mais
 E te convide a não só poetizar a sua história
 Mas a poemar a própria vida.

Segundo Vigotski (2008), o processo que o indivíduo internaliza seus conceitos fornecidos pela cultura não é um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. “[...] A minha vingança não é escrever esse poema é ser poesia [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 121). Nesse sentido, o conteúdo apropriado pelo indivíduo em suas interações cotidianas possui um significado de mudança não estático, mas na condição de ser transformação. Um sentido compartilhado socialmente por membros pertencentes a uma mesma cultura, mas incontestavelmente movente. Ao se apropriar dessas relações culturais, este conteúdo sofre uma síntese comprometida com o sentido pessoal que cada indivíduo atribui. Assim, a prática do *Slam* envolve a formação do sujeito *Slammer* e do sujeito espectador, à

⁹ Assunção, C. A.; Jesus, E. A.; Santos U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo: LiteraRua. p. 121.

medida que expressões, opiniões e ideias são compartilhadas naquele meio social, sendo que cada indivíduo atribui internamente o seu sentido para a formação de sua identidade. “[...] Hoje nesse ato de coragem conto minha própria história [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 121).

Assim, a identidade individual constitui-se a partir das relações intersubjetivas. O plano individual não se constitui numa mera transposição do social; o movimento de apropriação das referências, das quais se dispõe o acervo social de conhecimento, envolve a atividade do sujeito e contém a possibilidade do novo, da criação. Ao expor através da poesia suas ideias, o *Slammer* apresenta uma identidade composta de todo o universo que está inserido, nem sempre suas palavras representam exatamente o que ele vivenciou, mas algo que ele ouve, sente e está relacionada ao universo ao qual ele pertence. “[...] De onde venho trago memória [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 121).

Para Ciampa (1984, p. 74), “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose”. A construção da identidade não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, nossa identidade é móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou questionados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O processo que permite a construção da identidade se dá a partir do nosso meio, dos grupos sociais dos quais fazemos parte ao longo de nossa vida. Isso permite que nos diferenciemos e nos igualemos aos conjuntos da sociedade, pois afirmamos e negamos os papéis atribuídos a nós. Estes papéis são representados e negados a depender das relações estabelecidas no interior de cada um desses grupos. Este movimento tem como síntese a identidade que se configura a partir da conjunção interna das nossas relações sociais e vivências. Os diferentes papéis que representamos se desenvolvem simultaneamente e permitem reconhecer no outro nossa afirmação e negação (CIAMPA, 1984).

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando estou frente ao meu filho, relaciono-me como pai; com meu pai como filho; e assim por diante. Contudo, meu filho não me vê apenas como pai, nem meus pais apenas me vê como filho; nem eu compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas sim como o representante de mim, com todas minhas determinações que me tornam um indivíduo completo (CIAMPA, 1984, p. 67).

As experiências de um indivíduo, em determinado grupo, em determinado momento, podem levá-lo a negar a si mesmo como sujeito. Tendo como exemplo o *Slam*, podemos dizer que, a vivência a partir do duelo, possibilita estar junto de *outros sujeitos*, com os quais se sentiu

valorizado artística e socialmente. A participação nas competições de poesia possibilita a este ser reconhecido pela sua atividade, atribuindo ao papel de artista do *Slam* de poesia (CIAMPA, 1984).

Portanto, afirmamos o espaço grupal do *Slam* de poesia, como mediador entre a representação do papel de ser nada e o papel de ser, significa algo para alguém. A atividade como artista do *Slam* possibilita o reconhecimento de si, a negação do que já foi e a afirmação do que hoje avalia como síntese de sua identidade. Este processo somente foi possível a partir do conhecimento do outro.

Para Vigotski (1999) este reconhecimento permite que a consciência do sujeito sobre si mesmo seja construída a partir da consciência que este tem sobre os outros sujeitos. Compreendemos, dessa forma, que o sujeito ao participar do duelo, seja como poeta, seja ele público, possibilita que sua consciência promova uma interação com aquele grupo e processe, na relação com a arte, uma *Catarse*, que permite ao indivíduo reelaborar sua identidade a partir da relação com o outro, e produzindo novas compreensões sobre si mesmo e sobre o seu meio e contexto histórico no qual ele está inserido.

No *Slam*, evidenciam-se as questões relativas à identidade a partir da linguagem. As poesias, as palavras e os bordões, utilizados pelos *Slammers* em suas poesias, reforçam isto. São essas poesias, essas apresentações, que criam marcas para reforçar o sentido de coletividade e autoestima. Para Ciampa (2007, p. 137), “[...] identidade é o reconhecimento de que é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada, e não outra”. A identidade é um marco pessoal e linguageiro que define sua condição, mas a liberta para mudanças contínuas. “[...] Sou filho de Williane e vó Edite Alagoas é minha terra Leão fugido pra casa da vó Coração abrigo contra a vida seca do pai que bate na mãe [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 121).

Dias (2006), em seu texto, “A estratégia da revolta: literatura marginal e construção da identidade”, oferece importante contribuição para esse debate. A autora propõe uma análise relacionando a revolta do sujeito a partir da literatura marginal e de como esta forma de linguagem está comprometida com a afirmação identitária das comunidades das periferias urbanas. É essa revolta que vai tirá-lo da solidão, instaurando um objetivo, uma razão para sua ação. Esta voz revoltada se expressa e, de certa forma, é condutora nos textos da literatura marginal.

Dessa forma, a prática do *Slam* busca dialogar com o contexto social e reafirma sua identidade cultural. Pertencer à mesma cultura é pertencer ao mesmo universo conceitual e

linguístico. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem. O *Slam* como prática educativa dá voz ao educando que encontra nessa prática maneiras diferentes de se expressar e contestar sua realidade. Através dessa liberdade linguística, os estudantes reafirmam sua identidade, dialogam com o seu *habitat* social, uma linguagem da periferia, das ruas, que estabelece relações com os diferentes contextos sociais, interligando os sujeitos e suas identidades em contexto global.

Pautas como o combate ao racismo e ao machismo, a defesa da liberdade de expressão, do direito de ir e vir, a ausência de acesso aos bens e serviços, e violência compulsória de nossa sociedade tornam-se instrumentos que aglutinam e formam a identidade desse sujeito. “[...] Para o passado um novo destino, para a violência o coração, para o ódio paz renovada, para o silêncio nova voz ampliada. Chegamos à zona leste logo depois recebemos a notícia. Tiros tiraram a vida de quem um dia foi meu pai [...]” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 121). São instrumentos de existir e resistir. A identidade expressada na prática do *Slam* demonstra essa perspectiva do sujeito pós-moderno, pois o que aglutina são questões pontuadas pela realidade do indivíduo, inseridas em determinado contexto social e histórico. Desse modo, *Slam*, como representação da identidade do educando, torna-se prática que possibilita aos adolescentes expressarem suas ideias e pensamentos, que muitas vezes são cerceados no sistema educacional.

Já conforme o psicólogo Antônio da Costa Ciampa (1984), a pergunta “Quem sou eu?” é um questionamento que remete à identidade e a narração da resposta pelo sujeito é feita de modo em que ele é autor e personagem da história. Isso porque há discursos embutidos na identidade que são dele e dos outros e a identidade do outro reflete na minha e vice versa. Dessa forma, pode-se dizer que, de acordo com Ciampa (1984, 2007), a identidade é consequência das relações que se dão, e também das condições dessa relação, pois só se os pais se comportarem como pais que se caracterizará uma relação paterno-filial. É nesse sentido que Ciampa (2007) propõe que a identidade é reposta a cada momento. Assim, ressalta que a identidade não é algo pronto, acabado e atemporal como muitos consideram ser, e sim, algo que está em um contínuo processo, em um darse constante. “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (CIAMPA, 1984, p.74). Após essas considerações, Ciampa (2007) adentra no conceito de identidade. Para ele “[...] identidade é o reconhecimento de que é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada, e não outra.” (CIAMPA, 2007, p.137). Descreve também que a identidade é

diferença e igualdade, visto que há aspectos que nos igualam e nos diferenciam. Um exemplo disso é o nome próprio: o nome diferencia a pessoa de sua família e o sobrenome a iguala.

3 SLAM, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

Para Vigotski (2008), ao expressar suas ideias sobre a realidade na qual o indivíduo se insere, a consciência não se reproduz passivamente, mas de maneira ativa, criativa, transformando suas concepções práticas sobre a realidade. Nesse contexto, as relações sociais do indivíduo se apresentam como mediadoras na construção da identidade, pois o que ocorre não é a interiorização de algo de fora para dentro, mas a conservação de alguns elementos da realidade social em algo que, mesmo permanecendo “quase social”, se transforma num elemento constitutivo do sujeito; um ato de reexistir.

O significado socialmente compartilhado, ao ser internalizado na adoção da posição identitária, recebe um sentido pessoal, uma nova configuração, sintética e qualitativamente distinta que, embora impregnada de representações sociais, é apropriada de forma singular e individual. Dessa forma, a prática do *Slam* insere-se no contexto que Souza (2011) chama de processo de “reexistência”.

Em seguida expomos a poesia de Nicole Amaral Serra, 16 anos, apresentada no *Slam* interescolar-SP, de 2019, que ilustra nosso debate sobre a reexistência¹⁰.

Vocês queriam alguém que
resolvesse o problema com a
própria mão,

Mas não cogitaram o fato das
mãos estarem na verba da
educação.

Mataram gritando o nome de Deus
Mas isso se tornou hilário

Você planta ódio na vida
mas acha mesmo que vai pro céu
por 10% do seu salário??

Esconderam suas verdades atrás
de novelas e atores
Acredite nos rumores
Somos meros telespectadores
pensando assim como querem os
editores.

Maldita mídia social
que nos faz pensar que o país
precisa de ditadores

Maldita rede social

¹⁰ Assunção, C. A.; Jesus, E. A.; Santos U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo: LiteraRua. p. 144-146.

Que faz com que nos sintamos
 Inferiores
 E no final da história, somos
 fantoches de narradores
 Maldita mídia social que nos
 faz pensar que a razão é
 dos agressores.

Maldita rede social, que nos
 vende a verdade de deputados
 e senadores

É o apartheid cultural, onde
 não lembramos quem foram
 nossos autores.

É o preconceito racial onde
 esquecemos quem foram os
 nossos locutores.

É a desigualdade intelectual,
 que nos fez esquecer de todas as
 greves dos professores.

E essa é a verdade, a verdade que
 ninguém nega,
 porque antes uma verdade que dói
 do que a mentira que cega.

A poesia presente no *Slam* de resistência tem forte relação com o conceito de resistência. O termo 'resistência', neste trabalho, será trabalhado com dois sentidos: o primeiro diz respeito ao ato de resistir as imposições do sistema, representado pela Estado, o poder público, que marginaliza as demandas da população mais carente e subjuga as reivindicações da juventude periférica. A poesia do *Slam* é a voz das ruas, das minorias desassistidas, das reivindicações escamoteada pela burocracia e engolidas pelo “rodo cotidiano”. (hooks, 2017)

E, em segundo lugar, o conceito de resistência como necessidade desses grupos de terem o reconhecimento da produção deles com um valor legitimamente artístico. Por isso, a poesia dos *Slams* dialoga fortemente com a cultura hip hop e tem o orgulho de se enquadrar com poesia marginal, pois é majoritariamente apresentada e assistida por pessoas da mesma realidade social e grupos que interagem e se identificam com o formato, as palavras e o sentimento expresso naqueles versos de no máximo três minutos.

A grandeza desse espaço, está justamente nessa relação, pois a poesia falada, produzida e ritmada pela realidade social das ruas, acaba por incentivar os menos engajados a terem coragem para manifestar suas indignações a respeito de qualquer assunto. Esse seria mais um importante elemento que comprova a importância da prática pedagógica da livre escrita poética, do duelo de poesia *Slam*.

O *Slam* provoca reflexão devido ao incômodo causado pela verdade que sua linguagem expressa – Catarse; e seu jeito de potencializar o uso da palavra poética falada nesse engajamento motivado pela ação provocativa da poesia *Slam* garante sua importância no universo literário. Poesia para ser ouvida e respeitada. Conforme Boal (2009, p. 9), "palavra, som e imagem são as mais poderosas formas de comunicação do ser humano. Devem ser democratizadas como a terra, a água e o ar".

Os *Slammers* representam a voz da parcela da sociedade que se sente sufocada e vitimada e que é articulada pelos próprios marginalizados. Dessa forma, entendemos nesta pesquisa que o espaço escolar não deve ser um simples espaço de consumo de conhecimento de livros didáticos. Ainda mais enriquecedor é a educação que promova cidadãos que produzam sua própria consciência e que estabeleça uma relação com o seu meio, inserido em determinado contexto histórico (PINTO, 2021).

Como definido por Paulo Freire (2006), essa liberdade só virá pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. O *Slam*, nesse sentido, aproveita das vivências daqueles com ele interage, para os incentivar a ir ao encontro do outro, a ouvir sua voz, para então perceber como efetivamente poder transformar a realidade. A escola não deve temer o que Paulo Freire define como “bons radicais”. A esse respeito, Freire afirma:

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em "círculos de segurança", nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (FREIRE, 2006, p. 18).

A socióloga bell hooks (2017) reafirma que o processo educacional não deve ser uma mera formalidade de repasse de informação. Entender que os estudantes são seres humanos dotados de experiências e não simples espaços vazios para preenchimento com conteúdo curricular é um passo para a superação do modelo de educação bancária, tão bem definido pelo pedagogo Paulo Freire.

Quando pensamos no *Slam* como espaço de resistência, estamos refletindo acerca do espaço dentro do ambiente escolar para o aluno se manifestar contra essa ideia bancária de educação, onde ele reafirma a importância de se ouvir dentro desse processo de formação; quando ele se apresenta como ser humano informado, dotado de sentimentos e pensamentos, expressões presentes nos versos seguintes: “[...] esconderam suas verdades atrás de novelas e atores. Acredite nos rumores. Somos meros telespectadores pensando assim como querem os

editores” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 144). O estudante compreende o contexto e busca demonstrar querer mais informações ligadas às suas experiências, um conhecimento que respeite o seu entendimento de mundo e que busque dialogar com a sua realidade (HOOKS, 2017).

Ainda segundo a autora, os estudantes são frequentemente silenciados por meio de um processo de aceitação, um condicionamento oriundo dos valores burgueses e reproduzidos na escola, nos veículos de comunicação e refirmados por professores, diretores e funcionários. São valores que pregam a manutenção da ordem, respeito inquestionável das regras e o silêncio, posicionamentos elucidados nos versos, como a seguir: “[...] E no final da história, somos fantoches de narradores. Maldita mídia social que nos faz pensar que a razão é dos agressores” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 145);

Tais regras, por mais que as crianças tentem romper com esse padrão de comportamento, internamente, refletem em uma preocupação total pela preservação da ordem, resultando em um medo de manifestar suas ideias, medo que leva ao silêncio, medo de suas ideias não serem bem recebidas pelos seus pares. Tais padrões impostos pelo sistema educacional desconstroem toda a possibilidade de diálogo construtivo.

Em bora os estudantes entrem na sala democrática acreditando que tem direito a “livre expressão”, a maioria deles não se sente à vontade para exercer esse direito à livre expressão – especialmente se ela significa que eles deem voz a pensamentos, ideias e sentimentos que vão contra a corrente, que não são populares. Esses processos de censura é apenas uma das maneiras pelas quais os valores burgueses super determinam o comportamento social na sala de aula e minam o intercâmbio democrático de ideias (HOOKS, 2017, p. 237).

E é pensando em romper essa ideia mecânica da educação que a prática do *Slam* se apresenta como um processo de resistência, ou, como definida pela professora Ana Lucia Silva Souza (2011), um processo de reexistência: quando o estudante resiste ao processo excludente do sistema educacional e refirma sua existência e sua identidade nos seus versos.

Como o *Slam* é uma prática inserida na cultura *Hip Hop*, ele traz em sua essência a legitimidade de um processo cultural marcado pela heterogeneidade e totalmente envolvido com as “vivências”. Baseado no conceito de Perijivanie de Vigotski (2010), Monteiro e Monteiro (2020, p. 705) descrevem-no como: “A vivência é a história de uma vida, do gênero, da pessoa, dos encontros da consciência com um mundo social externo e interno; afinal, é a construção contínua de histórias e de memórias que recriam a vida”. Trata-se de uma resistência identitária, consciente e culturalizada, pois tem a marca da vivência desses sujeitos como resposta às contradições de nossa sociedade.

Essa resistência carrega o universo da cultura cotidiana do educando, levando em conta suas experiências educativas, compartilhadas no espaço escolar, e aquelas produzidas por eles na esfera do seu cotidiano. São conhecimentos, às vezes, não valorizados socialmente, mas importante para as vidas dos estudantes, oriundos de suas raízes familiares e de sua cultura (SOUZA, 2011).

3.1 Educação com significados: dialogando com a realidade das juventudes

A introdução da poesia *Slam* no ambiente escolar representa uma proposta de ressignificação desse espaço público a partir da realidade de cada indivíduo que ali ocupa seu lugar; além disso, reforça a possibilidade de diálogo democrático. Se, por vezes, a escola silencia vozes, ainda que timidamente, há um processo em andamento por meio do qual se começa a dar ouvidos ao que a escola tem de mais importante: a voz do material humano ali presente (NEVES, 2017).

Na concepção de Juarez Dayrell (1996), o aluno aprende quando, de alguma forma, o conhecimento se torna importante para ele, ou seja, quando estabelece relações significativas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já conhece. É um processo de construção de significados, mediado por sua percepção sobre a escola, o professor e sua atuação, por suas expectativas, pelos conhecimentos prévios que já possui. A aprendizagem implica, assim, estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno.

Dessa forma, para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do educando como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, suas percepções e aspirações são mediadoras no processo de ensino e aprendizagem. A falta de acesso dos alunos a um currículo, ou prática educativa, significativo, que possibilite um diálogo com sua realidade, aliada a uma escola rígida e uma ideia pedagógica estreita, pode ser uma das causas para a evasão escolar, principalmente entre os setores mais populares da nossa sociedade.

Para Juarez Dayrell (2007), o acesso ao conhecimento, somado ao respeito às experiências culturais e as relações sociais podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento do aluno como sujeito sociocultural, além do aprimoramento de sua vida social. O autor reafirma que se torna necessária a ampliação de práticas que, busquem entender a escola na sua dimensão transformadora e relacionada com o cotidiano, imersa na realidade social do espaço que ela ocupa na comunidade, melhorando o nosso olhar sobre o papel da

instituição, seu papel no processo educacional e na formação de seus sujeitos, contribuindo assim para a problematização da sua função social (DAYRELL, 2007).

Quando se trabalha temas mais relacionados à pauta da diversidade, a professora Nilma Gomes (2012), afirma que se faz de fundamental a importância da promoção de uma formação ampla do educando e seu preparo para o pleno exercício da cidadania. Dessa forma, “não se educa ‘para alguma coisa’, educa-se porque a educação é um direito e, como tal, deve ser garantido de forma igualitária, equânime e justa.” (GOMES, 2012, p. 688). Portanto, a professora entende que a proposta da educação e das políticas educacionais está além de formar gerações para o mercado, para o vestibular ou, tampouco, atingir os índices internacionais de alfabetização e matematização. O foco central são os sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. E afirma que esses sujeitos de direitos são também diversos em raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade (GOMES, 2012).

Nesse ponto, a prática da manifestação do educando de suas realidades, traz os aspectos dessas perspectivas para o debate educacional. Lembrando que essa diversidade tem sido tratada de forma desigual e discriminatória ao longo dos séculos e ainda não foi devidamente equacionada pelas políticas de Estado, pelas escolas e seus currículos, ao dar voz ao educando essa realidade ocupa um espaço específico no processo de formação.

A educação precisa considerar, nos seus níveis, etapas e modalidades, a relação entre desigualdades e diversidade. A escola é um espaço que não está isolado em meio a essas demandas, os sujeitos inseridos nesse espaço levam para dentro da escola o debate sobre diversidade, inserido no seu cotidiano, dar voz a essas manifestações é reafirmar o papel de transformação da educação. As práticas educacionais que promovem o entendimento da diversidade como construção social não podem ser vistas como um “problema”, eles precisam ter mais espaço nas teorias educacionais (GOMES, 2012).

Para o filósofo Adorno (1995), a educação deveria ser a produção de uma consciência verdadeira, produção de uma consciência que pensa de forma autônoma sobre si e sobre a sociedade. Segundo Adorno (1995), para que se possa ter uma sociedade democrática, é necessário formar sujeitos preparados para essa finalidade. De acordo com o conceito do filósofo, consciência é a capacidade de absorver experiências. Diante disso, uma educação emancipatória é produção de experiência e, para alcançar tal meta e desenvolver esse conceito educacional, é necessária uma prática educativa que sempre busque a tomada de consciência (LOUREIRO, 2006).

Assim, a educação que visa a emancipação pressupõe uma atividade que vá de encontro a ideia de reprodução das desigualdades sociais, compreendendo que todos são aptos e possuem o direito ao conhecimento científico, artístico, filosófico e cultural em geral. Isso requer uma oferta diversificada de conteúdo para o desenvolvimento da emancipação em cada indivíduo particular (LOUREIRO, 2006).

É nesse sentido que o conceito de letramento de reexistência da professora Ana Lúcia Silva de Souza (2011) se torna mais evidente. Sua proposta é olhar para o movimento hip hop como um espaço de aprendizagem das juventudes que evidencia práticas cotidianas de uso da linguagem provocando releituras de identidades étnicas, de gênero, sexualidade, políticas, entre outras. Uma reinvenção de práticas de uso da linguagem que os sujeitos realizam levando em conta as experiências educativas de que compartilham na esfera escolar, como estudantes – as produzidas na esfera do cotidiano, tornando-as próprias, o que pode contribuir para repensar os múltiplos letramentos dentro e fora da escola (SOUZA, 2011).

Quando se insere no espaço escolar, práticas educativas que possibilitem uma produção com características de resistências que, por sua vez, produzem conhecimento acerca de como as relações se estabelecem e se modificam. Essas práticas produzem sujeitos críticos que atuam com condições de refletir sobre as diferentes formas de pensar e agir. Um processo de multiletramento crítico que se mostra como uma maneira de encarar as diversas formas de construção de sentidos e o entendimento do mundo. Os multiletramentos parecem revelar o uso de outras modalidades de texto, de modo que, na apropriação de gêneros tradicionais, as comunidades com letramentos marginalizados e invisibilizados, transformam, inventam e reinventam textos para estarem à disposição do atendimento de suas necessidades (JORDÃO, 2007).

O pensamento interseccional se contrapõe à ideia de que a experiência de jovens negros, adolescentes nascidos e criados na periferia pouco significa para o processo de ensino. Assim, com uma poesia oral marcada por elementos contra hegemônicos e afro-diaspóricos, os jovens poetas acabam por ocupar o espaço do *Poetry Slam* e feito dele um espaço de subversão social, racial e de gênero. Assim, as batalhas de poesia são um espaço onde jovens poetas têm ousado se tornar autores, apropriando-se do discurso que historicamente lhes é negado e se colocando contra o discurso hegemônico para falar de si e por si, a partir de suas experiências na sociedade. Ao permitir essa escrita livre poética, percebe-se que a produção carrega um olhar importante das juventudes, que possuem sim uma leitura crítica da sociedade, percebem sua situação de classe e acabam refletindo estas questões em suas produções.

De acordo com bell hooks (2019), “a única maneira das juventudes construir ‘uma subjetividade radical’ é resistindo ao conjunto de normas e desafiando às políticas de dominação baseadas em raça, classe e sexo”. Desta forma, podemos pensar no *Poetry Slam* como um espaço subversivo do fazer poético, onde os indivíduos, através da rua, do corpo e da palavra, performam formas de resistência.

No *Poetry Slam*, às margens da discussão da literatura formalizada e distante da busca pela representação capitalista do sucesso, ou seja, distante dos círculos culturais e do mercado editorial. Os alunos, através da escrita livre, do corpo e da voz, criam e se fazem escutar. As batalhas de poesia são, portanto, um espaço onde jovens poetas têm ousado se tornar autores, a partir de sua experiência na sociedade. Com a poesia feita nas ruas, eles têm tensionado o fazer poético em um jogo discursivo e estético que se dá com e, ao mesmo tempo, contra a literatura brasileira. Uma poesia que, em busca da autorrepresentação, desafiando e rompendo imagens estereotipadas de um modelo educacional rígido e deslocado da realidade, na qual os principais personagens, os educandos, são ignorados e tratados como receptáculos rústicos de conhecimento. É a poesia que se vive com o próprio corpo, que exige e ocupa o seu lugar de fala através da escrita.

Nesse sentido, destaca-se a fala de bell hooks (2017, p. 34), para quem “a pedagogia engajada, necessariamente valoriza a expressão do aluno” e busca o entusiasmo ao invés do tédio. O *Slam Poetry* nas escolas o que é rico em material poético dentro da vivência dos próprios alunos. Esse potencial de (re)conhecer os estudantes que o *Slam* oferece ao ambiente escolar não se restringe aos seus talentos poéticos e performáticos. Uma vez que os textos refletem aspectos identitários e situações das vivências de seus autores, possibilitando conhecer mais profundamente, enquanto seres humanos com experiências diversas e não somente como alunos dentro do sistema educacional.

Hooks (2017) destaca a importância de os educadores buscarem conhecer seus estudantes, seus medos, angústias, indignações, histórias. Para a autora, uma das maneiras de se construir uma comunidade na sala de aula é o reconhecimento de cada voz individual. Ouvir um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. O *Slam* garante o caráter de uma política educacional inclusiva, sendo capaz de dar visibilidade e engajando aos estudantes.

4 POEMANDO NO ESPAÇO ESCOLAR: ANALISANDO OS DADOS DA PESQUISA

Durante nossa pesquisa, conseguimos acompanhar duas metodologias diferentes, aplicadas no espaço escolar, com o mesmo intuito de mobilizar jovens estudantes para iniciar o processo de escrita livre poética e apresentarem seus poemas no duelo de poesia *Slam*. Organizada em Belo Horizonte no decorrer do primeiro semestre de 2022, o coletivo do *Slam* Clube da Luta sob a direção do professor e poeta Rogério Correa, organizaram o *Slam* Interescolar de Belo Horizonte. Nesse projeto, o coletivo em parceria com a secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte organizou oficinas de *Slam* em 9 escolas municipais da rede.

O projeto contou comicineiros *slammers* que integravam o *Slam* Clube da luta, que compartilharam parte de suas experiências na escrita poética e no duelo de poesia *Slam*. Eles interagiram com adolescentes, ensinaram e motivaram sua escrita criativa, além de apresentarem um espaço de compartilhamento democrático e coletivo, onde eles podiam expor suas ideias e angústias, dentro do espaço escolar. O projeto foi concluído com um grande evento no Teatro Francisco Nunes “*Slam* Interescolar de Belo Horizonte”, com representantes das 9 escolas municipais, pais, professores e comunidade. Cada escola teve seu representante no duelo de poesia, que ainda contou com uma roda de conversa com poetas *Slammers* do interior de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo.

Em São Paulo, na cidade de Campinas, foi possível observar a organização das escolas para participarem do *Slam* Interescolar de São Paulo. O projeto acontece todos os anos desde 2016 e é idealizado e organizado pelo coletivo *Slam* da Guilhermina, sob a direção do artista e poeta Emerson Alcalde, que conta com a participação inspirada de seus poetas *Slammers*, para rodar pelo Estado de São Paulo, apresentando a metodologia em diversas escolas, que procuraram o coletivo com o interesse de participarem do evento estadual (STELLA, 2015).

O projeto que ganhou o prêmio Jabuti de Literatura, em 2022, já possui longa caminhada na experiência de organização do evento e inclusive realizam o duelo interescolar nacional. Atualmente, com a ajuda das mídias sociais, o coletivo consegue pelo seu canal do Youtube e grupos de WhatsApp, divulgarem o projeto e contar com a mobilização da comunidade escolar para organização das oficinas e realização do duelo. Muitas escolas do estado já contam com o duelo sendo organizado de maneira periódica, garantindo assim o surgimento de novos *slammers*, novas poesias e manifestações poéticas.

Projetos de organização de *Slam* no espaço escolar acontecem em vários estados do país e contam com a motivação e inspiração de poetas Slammers espalhados por nosso território. Vale destacar o trabalho espetacular do poeta Eric Meireles de Andrade, organizador do *Slam* Interescolar de Minas Gerais e do *Slam* Interescolar de Juiz de Fora; do coletivo *babylon bay black* e *Slam Akewi* que levam o duelo para escolas na região de Ipatinga, Vale do Aço, interior de Minas Gerais. O coletivo Akewi, além de organizar o *Slam* Akewi, construíram fanzines explicativos sobre como organizar um *Slam* em sua escola e realizam oficinas de *Slam* e nas escolas da região, apresentando o projeto de escrita livre engajada; e o trabalho do poeta *slammer* Jhon Conceito, do *Slam* Botocudos, de Vitória Espírito Santo, que organiza o *Slam* escolar capixaba (COELHO, 2017).

A perspectiva teórico-metodológica proposta para essa pesquisa é a qualitativa, pois entende-se que o interesse primordial é aprofundar sobre a relação entre a educação e o *Poetry Slam*. Através da aplicação de entrevistas semiestruturadas, como instrumento de coleta de dados, pretendemos analisar o *Slam* como prática pedagógica, sua relação com as manifestações do cotidiano do educando e a sua inserção no processo de ensino aprendizagem, em contraponto com as diferentes propostas pedagógicas apresentadas para a educação por diferentes sujeitos.

Os métodos utilizados nas entrevistas semiestruturadas, segundo Moré (2015), cria um espaço onde o pesquisador faz do entrevistado protagonista, dando-lhe liberdade para expressar livremente suas opiniões, vivências e emoções. As pesquisas semiestruturadas permitem ao pesquisador uma melhor reflexão sobre seu objeto de estudo, já que ela atua sobre três princípios metodológicos fundamentais para a análise qualitativa: O princípio da busca por significados nas experiências estudadas; o reconhecimento da interação entre o pesquisador, como observador do objeto de pesquisa, e a produção do conhecimento; e o reconhecimento da singularidade da pesquisa qualitativa, que não se legitima pela quantidade de participantes, mas sim pela qualidade, profundidade, detalhamento e contextualização dos relatos (MORÉ, 2015, p. 127).

Nossa proposta, portanto, não é avaliar as metodologias aplicadas nas escolas observadas, todas as experiências foram exitosas em seus objetivos e torcemos para que projetos como os analisados ganhem força e continue ganhando escolas pelo país. Iniciamos essa pesquisa o intuito de apresentar uma ferramenta educacional, que possa dialogar com crianças, adolescentes e jovens no âmbito escolar. Apresentar para eles um espaço, dentro da escola, onde eles são livres para manifestar suas ideias e pensamentos e, mesmo que grande parte da sociedade e do sistema educacional, tenham esse processo, entendemos que se sentir livre é um

dos elementos fundamentais para a reconstrução da identidade desse educando no espaço escolar, entendendo que tais manifestações são elementos fundamentais no processo pedagógico e que devem ser estimuladas, recolhidas e trabalhadas na construção de uma identidade crítica, reflexiva e criatividade.

O presente trabalho propõe descrever, revelar, explicar e interpretar as manifestações dos educandos e demais sujeitos inseridos na prática do *Slam*. Para qualificar a coleta desses dados, utilizamos como ferramenta metodológica, o diário de campo, pela importância da utilização desse instrumento em descrições e anotações da pesquisa. Em campo, trabalhamos as relações sociais observadas, a interação entre todos os sujeitos inseridos no contexto da batalha, dos poetas ao público. Portanto, entendemos que a descrição deve ser densa para diferenciar as expressões, espaços, tempos, saberes e regras de um grupo social, interpretando melhor os significados culturais (OLIVEIRA, 2014, p. 3).

Sem esquecer a importância da pesquisa bibliográfica e documental, levantamento de trabalhos de pesquisa, textos e livros sobre o tema, bem como notícias e debates suscitados em torno das batalhas de poesias e a educação. Esta metodologia de pesquisa qualitativa possui as mesmas características que a etnografia, porém se tratando de um trabalho de campo online, adaptando-se a técnica da observação participante (CICOUREL, 1990).

Com a autorização da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, conseguimos voltar nas escolas municipais que participaram do evento. Foram gravadas entrevistas com mais de 20 alunos das escolas municipais Mario Werneck, região oeste de Belo Horizonte, e Anne Frank, região da Pampulha. Apesar de várias tentativas, por problemas de agenda, não conseguimos entrevistar a vencedora do *Slam* Interescolar de Belo Horizonte, da escola Municipal Senador Levindo Coelho, região leste.

Os adolescentes que participaram das oficinas são integrantes do projeto Escola Integrada, da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED), o programa que atende mais de 60 mil crianças e está presente nas 177 escolas da rede municipal. A proposta do programa, segundo a SMED é, além de ampliar o tempo de estadia das crianças no espaço escolar, oferecer atividades diversificadas que contribuam para o desenvolvimento pessoal, social, cultural e educacional dos estudantes.

Na busca de atingir os objetivos propostos em nossa pesquisa, desenvolvemos um questionário, aprovado previamente na plataforma Brasil, que foi aplicado em duas escolas municipais de ensino fundamental de Belo Horizonte, Escola Municipal Anne Frank e Escola Municipal Mario Werneck. As crianças que participaram das entrevistas tinham entre 13 e 16

anos e estavam nas últimas séries do ensino fundamental (8º e 9º ano). A pergunta que utilizamos como introdução para análise foi: “Como você conheceu o *Slam*? ”.

Entre os estudantes de Belo Horizonte entrevistados, nenhum conhecia o *Slam* antes das oficinas desenvolvidas nas escolas de BH e, mesmo no Estado de São Paulo, que o projeto já acontece há mais de 5 anos, é preciso fazer uma apresentação do duelo, que, apesar de se espalhar pelo país, ainda é algo que poucas pessoas sabem que existe, como funciona ou tem fácil acesso aos espaços onde o *Slam* ocorre. No entanto mais da metade das crianças entrevistadas já escreviam, mesmo que sem nenhum compromisso, elas já possuíam o hábito de escrever em diário ou brincar com rimas.

[...] fazia tipo uns textinhos, aí parava e desanimava. Tipo eu não conhecia o *Slam*, então não achava que os meus textos davam para uma letra ou participar de um duelo. Então não tinha aquele interesse em continuar escrevendo (Raylander Victor, 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

Vale ressaltar que a maioria dos estudantes apontaram as batalhas de MCs e os duelos de rimas como um espaço onde eles puderam ter algum contato com a cultura hip hop e com o poético e criativo das comunidades de Belo Horizonte. Uma caixa de som, um microfone e uma praça é o que a juventude precisa para manifestar suas ideias e brincarem com a rima. O Estado precisa valorizar e garantir esses espaços culturais nas periferias do Brasil, ao invés de criminalizar. Um espaço com um grande potencial, pode-se utilizar esses núcleos para formação e valorização da cultura local e periférica, garantindo lazer e divertimento para a juventude de comunidades periféricas do Brasil.

A socióloga Ana Lúcia Silva Souza (2011) reforça que, uma das marcas da cultura hip hop é a facilidade com que ela combina e recombina, sem hierarquia, os multiletramentos. O espaço do hip hop abraça tanto as práticas educativas do espaço escolar como a cultura produzida no cotidiano, dando significado e objetivos. Ela dialoga constantemente com a arte excluída, uma arte a margem dos ciclos formais educativos, que segue mostrando o quanto a produção dessa juventude que, pode ser manifesta em textos, músicas ou imagens, mas o quanto elas são próprias e interagem com as vivências dessa juventude ansiosa, por ser ouvida.

[...] a professora chegou, apresentou o *Slam* lá. Aí eu gostei! Eu já fazia uns funk, já escrevia umas letras, já tenho um funk. Aí eu gostei. E vamo continuando a vida, ganhando pá, perdendo. O texto do *Slam* é a vivência, é diferente [...] (Wellington Silva, 15 anos, Escola Mario Werneck).

O que você entende como *Slam*? Para a maioria dos estudantes entrevistados, o espaço do *Slam* é livre, local onde eles podem compartilhar suas próprias experiências e refletir sobre a sociedade. Para eles, o *Slam* se apresenta como algo pertencente à realidade em que estão

inseridos. A maioria não havia tido contato com poesia fora da cultura hip hop. O livro de poesia nunca se apresentou como forma de lazer e sim como tarefa escolar, gerando uma diferença entre ler como prazer e ler como trabalho, obrigação. Assim, a maioria dos estudantes buscaram na música, funk ou rap, sua inspiração criativa. O *Slam* chegou apresentando outro cenário, onde a poesia dialoga com o seu cotidiano e circula de maneira livre e democrática, onde seus sentimentos são expressos com rimas, gírias e expressões de sua comunidade.

[...] o *Slam* foi o primeiro lugar onde eu me senti respeitada, primeiramente. Tipo, nossa eu conheci tanta pessoa legal lá e foi incrível mesmo. As oficinas na escola foram muito boas. Muita gente escreveu, acho que ninguém falou, mas escreveram. Umas cinco ou seis pessoas falaram (Max, 13 anos, Escola Anne Frank).

Para o sociólogo Juarez Dayrell (1996), compreender a escola como espaço sociocultural implica em resgatar os sujeitos inseridos nesse contexto de processo educacional. Esse sujeito precisa ver na escola um espaço onde ele é livre para indagar, apresentar suas dúvidas seus anseios e compartilhar com seus colegas e professores. A escola não pode ser um espaço alheio aos sentimentos, mudanças e todo o processo de formação cultural da criança.

Dayrell (2007) afirma que, apesar do discurso de abertura da escola para receber todos e todas, ela se mantém distante desse público, afinal não redefiniu os métodos seculares de ensino, ela não se reestruturou como um espaço disposto a “criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade” (DAYRELL, 2007, p. 117). A escola acaba por não se apresentar de forma acolhedora para muitos desses estudantes e tampouco compreende a diversidade que esse sujeito aluno carrega para dentro do espaço escolar.

Ao perguntar para os alunos se houve mudanças na sua relação com a escola a partir da prática do *Slam*, o que mais se repetiu foi o sentimento do ser ouvido, acolhido e respeitado. As crianças repetiram, em vários momentos, que o *Slam* se apresentou como um ambiente de respeito e acolhimento. Foi um dos momentos que se percebeu, nas entrevistas, que o espaço criativo, construído durante o processo das oficinas de *Slam*, construiu uma ponte entre esses estudantes, suas vivências e o espaço escolar. Era um espaço de divertimento, mas de muito respeito e acolhimento. O ato de ouvir e compartilhar sentimentos e momentos, através da escrita livre poética, mostra que práticas como a do *Slam* promovem uma interação entre o processo educacional e a vida cotidiana, garantindo um local de manifestação e posicionamento dos educandos.

Na concepção de Juarez Dayrell (2007), o aluno aprende quando, de alguma forma, o conhecimento se torna importante para ele, ou seja, quando estabelece relações significativas e não arbitrarias entre o que se aprende e o que já conhece. É um processo de construção de

significados, mediado por sua percepção sobre a escola. A aprendizagem implica, assim, estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno.

Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta (DAYRELL, 2007, p. 1117).

Dessa forma, para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do educando como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, suas percepções e aspirações, são mediadoras no processo de ensino e aprendizagem. O acesso ao conhecimento, somado ao respeito às experiências culturais e as relações sociais, podem contribuir, assim, como suporte no desenvolvimento do aluno como sujeito sociocultural, além do aprimoramento de sua vida social (DAYRELL, 2007).

Escola é um lugar que a gente aprende, mas também é um lugar onde tem muito racismo e discriminação. Tipo assim, é o mesmo com um aluno que recebe bolsa para ir para uma escola melhor, sofremos discriminação por ter vindo de baixo. Escola é legal, mas você conhece coisas ruins, e o *Slam*, sabe, trouxe um jeito de falar sobre isso. Tipo, colocar suas ideias, falar delas (Yago 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

A escrita livre poética, provocada pela prática e organização do *Slam*, é um exemplo da manifestação da identidade dos estudantes no espaço escolar. Um processo bem definido pela professora Ana Lúcia Silva Souza de “reexistência”, onde o aluno resiste e existe a partir das manifestações culturais no espaço escolar. Esse espaço de manifestação da identidade dos alunos, em nossa pesquisa, é entendido dentro da percepção de Vigotski sobre o processo de formação educacional (SOUZA, 2018).

Importante ressaltar que para Vigotski (1982), a construção do papel desses jovens, como alunos, acontece a partir das suas relações, das suas “vivências”. Ao defender que a relação indivíduo e sociedade é um importante elemento na formação das características humanas, Vigotski define que o indivíduo não nasce com determinadas características, mas sim que essas se formam como resultados das pressões do meio externo. O autor defende que a criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, e o aprendizado escolar vem com elementos novos para o seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais.

Ao se expressarem de maneira livre, os estudantes colocam no papel as experiências cotidianas, que podem ou não ser expressões de algo vivenciado por eles. Quando eles se expressam de forma livre, levam para o papel, para as rimas, manifestações de uma cultura sentida e vivenciada desde o nascimento, que escutaram, viram ou vivenciaram, mas que comprova que foram marcantes e significativas na formação de sua identidade. Isso porque o ser humano é primeiro um ser social para depois se tornar um indivíduo. O sujeito não é apenas um receptáculo de conhecimento, que suga as experiências e o real a sua volta. É um sujeito ativo, que através de suas relações com o exterior, com o mundo, e a partir de experiências únicas, cada indivíduo desenvolve um pensamento ou uma interpretação, um processo dialético de construção e reconstrução dentro de si (VIGOTSKI, 1982).

Eu acho que o *Slam* é tipo uma liberdade de expressão, você pode expressar o que você está sentindo, o que você pensa, você pode se abrir, falar. Eu acho que não tem diferença entre o duelo de MC e o *Slam*, acho que podemos nos expressar nos dois. Eu acho que a poesia do *Slam* é mais solta (Yago 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

Segundo a teoria de *Vigotski*, os seres humanos já chegam na escola com um conhecimento adquirido através de suas relações com o meio, desde seu nascimento, mas a escola vai apresentar novos elementos importantes para o contínuo processo de desenvolvimento. Entendendo que o sujeito é produto de suas relações sociais e que a linguagem é uma das principais técnicas do ser humano para seu desenvolvimento. O estímulo, através de práticas educativas, da fala, da expressão, somada ao respeito do conhecimento adquirido do educando, promove grande desenvolvimento educacional dos jovens e adolescentes no ambiente escolar.

Vigotski (1982) entende que o indivíduo concreto é a manifestação de uma totalidade, na qual sua identidade é constituída a partir de suas relações sociais e em um contexto histórico determinado. A poesia *Slam* é uma arte carregada dessa conceituação de indivíduo, de identidade. Ela traz a vivência, o cotidiano e dialoga com a realidade presente. Promove habilidades que para além do ato de ler e escrever, que podem ser entendidas como instrumentos significativos para a formação cultural dos alunos, contribuindo para que esse estudante se enxergue como sujeito atuante na sociedade.

A prática do *Slam* trabalha a manifestação da identidade à medida que ela não propõe uma imposição do conhecimento do outro, ela dialoga com o conhecimento existente. O sujeito inserido na prática do *Slam* expressa sua identidade de forma interativa, sendo ela mais bem expressada na relação sujeito e coletivo, indivíduo e sociedade. A formação dessa identidade é

resultado de um processo de mediação, onde o sujeito não é um ser passivo e nem apenas ativo; é um ser interativo.

A prática da poesia *Slam*, pensado na prática para além da produção da escrita livre poética e também pensando no coletivo organizado em torno do duelo, dialoga muito com o pensamento de Vigotski (1982) sobre a construção da ideia de identidade. Vigotski afirma que uma produção artística quando socialmente compartilhada, ao ser internalizada pelo sujeito, ela se torna uma posição identitária, pois recebe um sentido pessoal, uma nova configuração que, embora seja repleta de representações sociais, é apropriada de forma única e individual.

Quando eu escrevo, eu penso em racismo, as tretas da rua, violência, os enquadro que a gente leva. Falo das coisas que eu vivo e que eu vejo. No duelo, para mim, não tem essa de campeão ou derrotado. Para mim cada um coloca sua opinião e, ta certo em certos pontos e errados em outros. Mas é a opinião de cada um, e isso é o que mais importante. Você pode se expressar e passar suas ideias para outras pessoas. Isso é o que eu acho mais da hora (Yago 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

A identidade é apresentada a partir da relação do indivíduo com os significados socialmente compartilhados pelas poesias, uma descoberta realizada a partir da mediação das palavras pronunciadas por outro indivíduo. Assim, mesmo aquele estudante que não participa do duelo, aquela arena de duelistas *Slammers* apresenta de forma coletiva uma série de ideias e sentimentos, que são recebidas pelo público que interage e reage, proporcionando, também a representação de sua identidade.

A professora Conceição Evaristo, ao tentar definir sua forma de escrita, cunhou o termo *escrevivência*, que para a autora é um resgate ancestral das experiências trazidas por sua cultura e afirma que sua “*escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana” (EVARISTO, 2022), uma nacionalidade excluída e minorizada historicamente. Através de sua escrita a professora entende que ela está realizando um ato de afirmação de sua minha origem, celebrando sua ancestralidade.

Eu faço isso que aprendi na oficina, gravo no celular, falo na frente do espelho. Até minha mãe me ajuda. Tipo, se tá faltando alguma coisa. Eu me interessei bastante por isso, porque aí eu posso expressar meus sentimentos no papel, praticamente. Teve um dia que eu estava bem louco e eu acabei fazendo um texto que espanca, como eles dizem (Railander Victor, 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

Percebemos no pensamento da professora que em sua escrita ela carrega uma identidade construída ao longo de séculos e resgatada a partir de suas vivências como indivíduo e em sociedade. Sua escrita remete a um passado de mulheres afrodescendentes, marginalizadas na cultura brasileira, sendo ela um resgate cultural desses sujeitos excluídos da literatura e da memória brasileira.

Assim funciona a escrita livre da poesia *Slam*, onde os alunos encontram formas de dialogar com experiências vividas por eles ou por seus antepassados. Vivências carregadas por anos e repassadas através de suas relações sociais e construídas desde seu nascimento. As escrevivências da poesia do duelo *Slam*, dialoga com experiências sociais de minorias que buscam espaço para se manifestar, um desabafo coletivo e intimamente compartilhado.

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (Evaristo, 2020, p. 35).

A ideia da escrevivências da professora Conceição Evaristo exemplifica muito a escrita poética dos estudantes para o duelo de *Slam*. Ao perguntarmos sobre os temas preferidos para a produção da poesia, os estudantes não fugiram dos temas relacionados a demandas de jovens da periferia no mundo. Violência, racismo, homofobia, machismo, sexualidade e depressão foram os temas mais citados pelos estudantes. Observamos, durante a produção do podcast do nosso produto técnico, que esses também são os temas favoritos dos poetas *slammers* master. Temas do cotidiano de comunidades periféricas e marginalizadas.

Esse é um importante elementos do espaço construídos pelo *Slam*, o caráter livre e democrático que o duelo carrega, produz uma sintonia com a ideia de resistência e se torna um espaço de ampla liberdade, onde os poetas se deparam com um privilégio negado pela sociedade, o de livre manifestação de suas angústias, ideias e preocupações. Por ser um espaço de respeito e de coletividade, não há preocupações com falas preconceituosas, pois o próprio ambiente se impõe sobre esse discurso.

Eu consegui depois apresentar na festa da família. Graças a Deus eu não gaguejei. Mas também eu fiquei com muita vergonha, porque muita gente, então, eu não estou acostumado. Aí eu me atrapalhei um pouquinho, mas deu tudo certo. Veio só minha mãe assistir, porque meu avó trabalha e minha avó mora longe e o meu padrinho tá no céu. E eu falei sobre eles. Eu gosto de escrever sobre a vida, né. Tipo, sobre o dia a dia, esses bagulho. Coisas que muita gente vive. Sobre o racismo e muitas outras coisas (Railander Victor, 13 anos, Escola Municipal Matio Werneck).

Para bell hooks (2017), os espaços institucionalizados já estão forjados justamente para o silenciamento de grupos marginalizados e privilegiam naturalmente, a voz dos membros de setores dominantes. Como produto secular dessa cultura, formamos um sistema de ensino hierarquizador e reprodutor de uma ideologia excludente, racista, eugenista e sectarista. Qualquer discurso ou indivíduo que fuja e/ou questione este conceito, terá dificuldades e vai passar por cerceamento, a fim de invalidar seus conceitos e ideias.

Dessa forma, as razões do silenciamento dos grupos oprimidos e principalmente, das mulheres negras, apesar de apresentar variantes e multidimensões, tem como razões mais certas as expressões do racismo, do machismo e da exploração de classe. A voz, para esses sujeitos, é um ato de resistência, um gesto político que desafia o contexto cultural de dominação que conservam esses grupos isolados e anônimos. O ato de transformar o silêncio em fala, é para os marginalizados um gesto de desafio que possibilita um crescimento, uma evolução. Ao descobrir na sua voz, um ato de resistência e engajamento, o sujeito se sente transformado, promovendo assim a libertação da condição de aprisionamento trazida pelo silêncio vivenciado (HOOKS, 2017).

Racismo é um bagulho que não entra na cabeça,
só porque minha pele é preta esses comédias vem fazer brincadeira.
Hoje em dia, na minha quebrada,
quem brinca com isso é só surra de madeira.

Esses dias eu vi um policial me olhando diferente,
deve ser porque minha felicidade está incomodando muita gente.

Eu estava me desviando entrando em um caminho meio pá
Mas aí veio o mano Jazz¹¹ para me ajudar
Me mostrar outra visão,
que não precisava usar a letra para fazer milhão

Mais eu não vim falar de coisa ruim não,
Eu vim agradecer minha família,
Primeiramente minha coroa,
que independente das treta.
Estamos na mesma sintonia

O meu avó,
que é minha inspiração de cada dia
E minha vozinha,
que nem palavras para descrever essa aí eu tenho
E minha estrelinha,
que hoje faz muita falta.

(Railander Victor, 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

Entendemos que o *Slam*, pode ser inserido na proposta de uma a pedagogia engajada, que prioritariamente valoriza a expressão do aluno. Onde conhecer seus estudantes, seus medos, angústias, indignações, histórias, seria uma das maneiras de se construir uma comunidade na sala de aula é o reconhecimento de cada voz individual. “Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala” (HOOKS, 2017, p. 58).

¹¹ Jazz é o nome do arte-educador, que aplicou a oficina de poesia e organizou o Slam na Escola Municipal Mario Werneck, poeta *slammer* e arte educador morador da região Oeste de Belo Horizonte, integrante do coletivo de *slam* Clube da Luta, organizado pelo Doutor, artista e poeta, Rogério Coelho.

Outra pergunta que fomentou um debate rico com os estudantes entrevistados foi: Qual a diferença da poesia *Slam* para as poesias tradicionais? Para os estudantes a poesia produzida para o *Slam* é uma poesia livre, muita relacionada com o rap e o funk, sendo a poesia um gênero literário muito distante deles e relacionado a uma cultura academicista e erudita.

Alguns alunos entrevistados, disseram que nunca se enxergaram como poetas e, mesmo aqueles que já escreviam, sempre viram suas escritas como algo muito particular e que não pensavam em divulgar suas escritas. Acreditavam que isso ocorreria apenas no campo musical, como rap ou funk.

A escrita livre poética que foi apresentada nas oficinas do *Slam* mudou o entendimento desses alunos sobre o gênero poesia, e aumentou o interesse e a preocupação dos estudantes na leitura como forma de aprimoramento dos seus textos. Apesar da maioria não apontarem o formato poético presentes nos livros como possível leitura, muitos despertaram a curiosidade em conhecer a literatura marginal e conhecerem mais sobre determinados assuntos. Eles desejam mais informações para novos poemas, novas escrevivências (ESLAVA, 2004).

Eu acho que o *Slam* é uma coisa que tá mudando a minha vida, porque, tanto no sábado eles me deram dois livros. E eu estou voltando a me interessar por leitura, que é uma coisa que, tipo, antes eu não era muito interessado e, eu estou voltando a me interessar. Aí eu posso tirar a ideia nos livros e fazer no *Slam*. Portanto, como eu posso te explicar, eu tenho muita criatividade e o *Slam* me ajuda a usar ela (Railander Victor, 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

Vale ressaltar que os estudantes reforçaram como a prática de escrita livre poética e do *Slam* melhoraram suas relações no ambiente escolar. As escolas municipais Anne Frank e Mario Werneck, conseguiram ampliar a proposta e inseriram a poesia *Slam* nas atividades do calendário escolar, os alunos recitaram suas poesias em festas da escola e alguns professores adaptaram suas atividades, incentivando seus alunos a escreverem textos poéticos como atividades escolares.

A gente tá aprendendo sobre a primeira guerra mundial, que é um assunto bem legal. E, portanto, dia 06, eu vou ter que fazer outro texto de *Slam*, para apresentar. Porque a gente vai fazer uma passeata para defender os direitos humanos e o professor me perguntou se eu queria participar de um duelo que ele vai fazer e, eu aceitei. É uma coisa que realmente eu tô me interessando bastante (Railander Victor, 13 anos, Escola Municipal Mario Werneck).

Segundo a professora e coordenadora pedagógica da Escola Municipal Mario Werneck, Camila Irís Corrêa, a semana da consciência negra contou com o duelo de poesia Slam, além da participação de outros poetas ativistas da comunidade e de novos poetas Slammers da escola. Tais atividades ajudaram em estabelecer uma cultura permanente da organização do duelo no espaço escolar e contribuem com a formação de novos poetas slammers, além de um ambiente

propício ao debate democrático e as experiências criativas das crianças, respeitando a cultura local e dialogando com a juventude.

5 O PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO: TRILHA EDUCACIONAL, OFICINAS E DEMAIS CONTEÚDOS QUE POSSIBILITEM A PRÁTICA DO MULTILETRAMENTO E DA ESCRITA LIVRE POÉTICA

Na busca de implementar a ideia da escrita livre poética e da prática educacional de multiletramento a partir do duelo de poesia marginal *Poetry Slam*, pensamos no nosso produto técnico tecnológico como uma trilha educacional, composta por um podcast como guia em áudio, além das oficinas produzidas em texto e disponibilizadas em um site para consulta e pesquisa sobre o formato poético. O site estará disponível para consulta de estudantes e profissionais da educação, sendo de acesso gratuito. Para disponibilizar o site, criamos o domínio www.poemarapropriavida.com.br. Também foi criado um canal no *streamig spotify*, onde os quatro capítulos do podcast estão disponíveis.

O podcast foi construído como um áudio documentário, dialogando com poetas *Slammers* sobre o processo criativo e sobre a prática no duelo de poesia. Apresentando o *Slam* como uma importante alternativa pedagógica, mostrando para alunos e professores, a prática do *Slam* como ferramenta no processo de ensino. Através do *Slam*, demandas dos estudantes, muitas das vezes apagadas pelo sistema de ensino, tornam-se protagonistas. O aluno ganha voz, e naqueles três minutos de apresentação o *Slammer* fala, declama e se expressa.

Nas últimas décadas, houve mudanças significativas no acesso à informação. A informação e a comunicação se tornaram global, hoje qualquer pessoa no mundo pode ter acesso a informações diversas através de um toque, acessando a rede de internet. A educação precisa acompanhar esse ritmo frenético do avanço tecnológico e da rede de informações e comunicação global. Atividades como a do *Slam*, podem ser facilmente apresentadas a um grupo de alunos ou a uma escola, e sua prática pode ser realizada atualmente através do *meeting* ou de canais do *youtube*, *spotify* entre outras plataformas de *streams*. E foi nesse processo que idealizamos a proposta de uma sequência didática por meio de podcast.

A proposta é construir uma sequência didática acessível que consiga fazer o debate sobre a prática do *Slam* como ferramenta educacional, de forma organizada e dividida em temas específicos, construindo uma trilha. Essa trilha está formatada em quatro episódios que contam com uma orientação em formato de áudio, um *podcast*. Além da orientação em formato de áudio, seguem duas oficinas que contemplam a proposta de escrita livre poética, incentivando os estudantes a iniciar o processo de escrita e uma oficina de performance, que tem como intuito o incentivo no compartilhamento da poesia.

A trilha segue a proposta de organização de um *Slam* escolar, portanto, segue as regras e critérios do duelo. Ela também conta com uma apresentação sobre o *Poetry Slam*, o capítulo um, e finaliza com uma orientação sobre como organizar o duelo na escola, capítulo quatro. Para Zabala (2010) a trilha educacional ou, sequência didática, é um “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 2010, p. 19).

Por que uma sequência didática? Inicialmente, nossa proposta era apresentar como produto do mestrado profissional um *podcast*. Nele iríamos apresentar a proposta idealizada pelo poeta Emerson Alcalde e o grupo do *Slam* da Guilhermina, onde se apresenta o duelo de poesia *slam* e incentiva os estudantes a escreverem e compartilharem suas poesias. No entanto percebemos, através da participação, observação e do diário de campo, no decorrer de nossa pesquisa, que alguns detalhes poderiam tornar a prática do *Slam* mais acessível no espaço escolar, tornando algo que poderia ser desenvolvido não só pelos professores, mas por alunos e funcionários, interessados na prática da escrita livre poética.

Uma primeira observação foi a necessidade de desmembrar a organização do duelo, em quatro etapas: A apresentação – O que é o *Slam*?; A prática da escrita livre poética – Poemar a própria Vida; A performance da apresentação – Compartilhando seu poema; e somente no final dessas etapas a organização do evento “O duelo de poesia *Slam*”. Dessa forma, seria possível criar uma dinâmica que envolvesse toda a escola para os aspectos que envolvem o duelo de poesia, além de incentivar a prática da escrita livre poética.

Assim, duas oficinas se tornaram protagonistas na aplicação do produto e apresentaram uma necessidade em serem construídos com maior riqueza de detalhes, que foram a prática da escrita livre poética e a performance da apresentação para incentivar a o compartilhamento da ideia, da produção poética. Sem essas duas etapas, os interlocutores do *Slam* no espaço escolar, poderiam ter problemas na organização do duelo. Foi na observação da organização do *slam* interescolar de São Paulo, Belo Horizonte e Viçosa que percebemos que osicineiros que introduziam a prática no espaço escolar conseguiam resgatar e incentivar as crianças nas produções, necessitando trabalhar a escrita e o compartilhamento da produção.

Foi o contexto da prática observada que nos levou a ampliar o produto para além de um *podcast*, formando uma trilha educacional composta de áudio documentário como uma condução da trilha e as oficinas como um suporte pedagógico para aplicação do produto no espaço escolar. Tendo um site para disponibilizar todas essas ferramentas, e mais materiais para

leitura, consulta e pesquisa, além de um link para acompanhar o podcast, que também foi disponibilizado no streaming, plataforma *spotify*.

A ideia foi possibilitar que não só os professores tenham condições de aplicar a trilha, mas estudantes, funcionários e comunidade em geral, consigam aplicar o produto. Por isso, uma trilha, onde alunos e demais pessoas possam ter acesso e buscar organizar o duelo no espaço escolar. Ela segue a ideia da sequência, contemplando as três fases de toda intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação. Mas essas etapas não só remetem ao corpo docente. Em todas as etapas do produto há uma proposta interdisciplinar ampla, inserindo estudantes, funcionários, professores e comunidade. Sendo a última etapa, a avaliação, diferente de uma simples avaliação pedagógica para fins de formalização de rendimento dos estudantes, mas uma avaliação ampla de todo o processo, com a organização do grande evento: o duelo.

A trilha segue a proposta de elaboração de uma sequência didática, onde os organizadores escolhem o tema, problematizam o assunto, planejam as atividades e traçam os objetivos. Tudo está delimitado e organizado de forma sequencial levando em consideração os grupos, materiais, tempo, etapas e a avaliação. Mas segue uma premissa de integração na qual todos os sujeitos, disciplinas e personagens participam ativamente do processo criativo.

5.1 O *podcast*

Se o audiovisual e o texto encontraram novos modelos e meios de distribuição na internet, para o áudio não foi diferente. O podcast, considerado uma mídia nova, é um programa em áudio cujos episódios são disponibilizados para *download* ou reprodução com determinada periodicidade e podem ser escutados em qualquer aparelho, a qualquer momento. Desde a década de 1990 que formatos de podcasts em estilo de documentário ou grande reportagem veem ganhando espaço. Produções não ficcionais em áudio longo, dividido, ou não, em capítulos. Grandes produções com diversas técnicas narrativas que abordam a vida real. Para construir um episódio, produtores se valem de extensa pesquisa e utilizam recursos como entrevistas, gravações de acervo, efeitos e trilhas sonoras, na intenção de proporcionar maior interação com o assunto e informar o ouvinte de maneira imersiva (JÚNIOR; SILVA; BERTOLDO, 2020).

Em ambiente educacional, o podcast se apresenta como uma alternativa na medida em que possibilita um acesso rápido e fácil à informação, permitindo utilizar práticas educativas

diferenciadas dentro da sala de aula, de maneira imersiva. Além disso, podemos citar a facilidade de organização do plano de aula, a partir dos cortes que o áudio possibilita. O professor pode parar a reprodução para maior debate e interação entre alunos, além de repartir a trilha de acordo com seu plano de aula. “O espaço da aprendizagem é aqui, em qualquer lugar; o tempo de aprender é hoje e sempre” (BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007, s/p).

Por ser uma tecnologia relativamente nova, o termo continua ainda muito associado à disponibilização de programação musical, já que essa referência vem de sua origem: o termo *podcast* resulta da soma das palavras *Ipod* (dispositivo de reprodução de áudio/ vídeo) e *broadcast* (método de transmissão ou distribuição de dados) e daí a conotação.

No Brasil, a junção entre o *vídeocast* e o *podcast*, criou um nicho de mercado muito associado a programas de entrevista, proporcionando uma popularidade desse modelo entre produtores de conteúdo para a internet. No entanto esse formato não é uma das únicas ferramentas para a utilização dessa mídia. O *podcast* pode ser utilizado nos mais variados contextos, sejam eles no âmbito dos negócios como forma de disponibilizar o conteúdo de reuniões, áudio livro, programas de carácter científico e na educação para a transmissão e disponibilização de aulas (BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007).

A BNCC já aponta que é preciso trabalhar com diversos gêneros provenientes da cultura juvenil, entre os quais são mencionados: *vlog*, *fotorreportagem*, *detonado*, *podcast*, *Slam*, vídeo, *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, *posts* em *fanpages*, *trailer honesto*, *vídeo-minuto* (BRASIL, 2018). A orientação da BNCC é de que o trabalho com os gêneros siga sempre os eixos: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. O diferencial é que, na BNCC, o foco centra-se mais nos campos de atuação do que nos gêneros. Assim, determinado gênero pode ser pertinente a mais de um campo e adaptar-se ao uso que se faz dele em determinada esfera discursiva.

Para que a proposta de utilizar o *podcast* como produto funcione, é necessário pensar na ferramenta como sequência didática, em áudio documentário. A própria dinâmica da ferramenta pode ser facilmente adaptada ao plano de aula, já que a “interação” se refere a um processo mais amplo, pois não está presa somente as pessoas que participam dos momentos da gravação de um determinado tema ou assunto. A audição do *podcast* pode ocorrer dentro ou fora da sala de aula, e debatido dentro dela. Essa dinâmica favorece a proposta da sequência didática.

O *podcast* se relaciona com o conteúdo da pesquisa, pois está ligado à oralidade. Assim como na poesia do *Slam*, o ouvir e o falar estão presentes nessa proposta desse produto. No que se refere à “linguagem”, o conteúdo de um *podcast* pode ser expresso por meio de uma

linguagem informal, aproximando-se do ouvinte, quebrando, assim, a formalidade existente em sala de aula. A linguagem informal permite que a informação seja transmitida de forma mais leve e descontraída.

Dessa forma, o podcast dialoga, mais uma vez, com a prática do *Slam*, favorecendo a criação de um processo de amadurecimento da prática do duelo no ambiente escolar. Um podcast com um tipo de linguagem aberta, com o intuito de fomentar um ciclo de conversa democrático e facilitador do processo ensino-aprendizagem. A proposta é criar um entendimento de participação ativa, fundamentada no diálogo, possibilitando ao aluno ser crítico, reflexivo, agente de mudança e de transformação da sua realidade concreta (SILVA, 2021).

Outra importante funcionalidade do *podcast* é sua característica temporal, isso se refere à disponibilidade de acesso da ferramenta. Após sua publicação na internet, um Podcast fica à disposição dos ouvintes durante todo o tempo em que o arquivo permanecer hospedado em um servidor. Isso significa que o ouvinte pode apreciar o conteúdo no mesmo dia em que o podcast foi publicado, como também pode ouvi-lo várias vezes em casa ou na escola. Como o *podcast* quebra a sincronia entre a produção e a audição, o seu conteúdo pode ficar datado ou não (JESUS, 2014).

Para não se perder na utilização da ferramenta, o importante da sequência didática em áudio-documentário, está na criação de um roteiro, que favoreça o planejamento do professor para a apresentação do *Slam*. Primeiro precisamos apresentar o *Slam* e desmistificar os entraves da produção de um texto curto e do compartilhamento da sua opinião com os demais. Para tanto, deve ser feita uma apresentação do *Slam*: O que é o *Slam*: sem medo de ser poeta, todos podem produzir conteúdo. A ideia é trazer a palavra dos *Slammers*, poetas de várias idades, onde eles vão apresentar, com suas palavras, o que é o *Slam*.

Posteriormente, a proposta é trabalhar a prática, a produção, enfrentar as barreiras de fazer uma batalha. Oferecer instrumentos para que uma competição de *Slam* seja realizada com um grupo de alunos, depois dentro da sala de aula e posteriormente envolvendo toda a escola. Inserir nesses programas etapas da construção de um texto curto, dicas para superar as barreiras do compartilhamento do seu texto e demonstrar que a palavra pode ser uma aliada no processo de interação social e aprendizagem (MOLER, 2019).

E, por fim, encerrar a trilha com exemplos positivos da prática do *Slam*, apontando que a ideia da batalha não é produzir poetas, mesmo que possam surgir muitos nesse ciclo de poesia periférica, mas a ideia do *Slam* é expressar, dar voz aos sujeitos inseridos na escola, demonstrar

que você pode, e deve, falar e ser ouvido. Garantir que seus sentimentos e suas ideias serão respeitados e que o seu cotidiano, por mais difícil que seja, também faz parte da realidade de muitos, sejam eles público ou *Slammers* (VILAR, 2019).

5.2 As oficinas

A proposta dessas oficinas é verificar a busca da reafirmação da identidade do jovem da periferia na cultura escolar por meio da batalha de poesia marginal. Um processo de “reexistência”, onde os alunos reafirmam sua cultura e recriam o espaço escolar a partir de sua própria identidade cultural. Assim, essas oficinas foram pensadas em um contexto em que a escola se preocupa menos com a formação gramatical do texto e observe o conteúdo, a expressão e a ideia. Um diálogo entre a identidade a vivência e o papel, que somente um processo produtivo de escrita livre, consegue proporcionar. Para o filósofo Vilen Flusser (2010), escrever significa gravar, é uma transcodificação do pensamento, é a transformação das imagens de nossos pensamentos para os conceitos, das cenas para os processos e dos contextos, vivências, para os textos.

Cada oficina prevê o tempo de 2 horas/aula, os objetivos desse processo de aprendizagem é permitir o protagonismo dos estudantes. A primeira oficina é da escrita livre poética, propondo o início da escrita um diálogo direto com os educandos para que eles consigam atingir objetivo que é se expressar de maneira livre, sem prejuízo, para que eles consigam problematizar e produzir. Dessa forma, eles terão a capacidade de avaliar o seu processo criativo fazendo, também, uma leitura crítica da proposta de ensino e aprendizagem. A segunda oficina é pautada na performance, entendendo as dificuldades de apresentação de sua poesia ao público, trabalhando a timidez e a importância no compartilhar suas ideias com seus iguais. As oficinas foram pensadas para os adolescentes, a partir das séries finais do ensino fundamental, com a prática da escrita poética livre, toda essa vivência que eles carregam dentro de si e são silenciadas pelo sistema educacional.

Entendemos que a prática educativa do *Poetry Slam* está inserida no contexto educativo do Multiletramento, inserida no contexto de novas práticas sociais de linguagem, para além da cultura do impresso. Sem esquecer ou desviar do compromisso das escolas com os letramentos locais e com os valorizados, mas garantindo aos educandos a reafirmação de sua identidade no

espaço escolar, onde os adolescentes e jovens se reconheçam em suas culturas, com a valorização das práticas locais (BRASIL, 2017).

Nesse sentido, procura-se oferecer ferramentas de transformação social por meio da apropriação dos letramentos da letra e dos novos e multiletramentos, os quais supõem maior protagonismo por parte dos estudantes, orientados pela dimensão ética, estética e política. O segundo sentido de trabalho – o de atividade responsável pela (re)produção da vida material – também é considerado pelo repertório de práticas, letramentos e culturas que se pretende que sejam contemplados, pela possibilidade de exercício da criatividade, pelo desenvolvimento de habilidades vinculadas à pesquisa, a resoluções de problemas, ao recorte de questões-problema, ao planejamento, ao desenvolvimento e à avaliação de projetos de intervenção, pela vivência de processos colaborativos e coletivos de trabalho, entre outras habilidades (BRASIL, 2017, p. 497).

Vale ressaltar as habilidades no conteúdo de língua portuguesa, tais como EF69LP46 e EF67LP11, que propõem a participação em práticas de compartilhamento de leitura, recepção de obras literárias e manifestações artísticas, propondo a organização de rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas e de apresentações teatrais, saraus, *slams*, entre outras atividades, que tornem possível, comentários e debates de ordem estética e afetiva, prevendo uma abordagem que explore as apreciações de estudantes e profissionais de educação. Essa habilidade também ressalta a importância da escrita crítica, comentários e resenhas, utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts*, *fanzines*, *e-zines*, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura (BRASIL, 2017).

As habilidades já ressaltam a necessidade de introduzir no cotidiano educacional da disciplina a produção de textos de forma livre e crítica, tendo em vista as condições de produção do texto e da importância na busca de informação sobre a produção, da síntese de informações sobre determinada obra ou escritor, bem como a seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados de forma positiva ou negativamente de uma produção textual.

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 72).

Nesse sentido, a ideia do nosso PTT é oferecer ferramentas que possibilitem a integração com a realidade do educando, a formação crítica e reflexiva, entendendo que ele pode favorecer a transformação social por meio da apropriação dos letramentos da letra e dos novos e multiletramentos, a medida que tal prática possibilita maior protagonismo juvenil, sem perder a referência da dimensão ética, estética e política. O segundo sentido deste trabalho é o de prever

uma atividade responsável pela (re)produção de práticas, letramentos e culturas que se pretende que sejam contemplados, pela possibilidade de exercício da criatividade, pelo desenvolvimento de habilidades vinculadas à pesquisa, a resoluções de problemas, ao recorte de questões-problema, ao planejamento, ao desenvolvimento e à avaliação de projetos de intervenção, pela vivência de processos colaborativos e coletivos de trabalho (BRASIL, 2017).

6 CONCLUSÃO

Um dos principais objetivos da educação pública, gratuita e de qualidade, deveria ser o de promover a integração entre todos os sujeitos inseridos no espaço escolar. Bem como compreender e dialogar com as vivências desses sujeitos e a comunidade que a escola atende, independentemente de suas características. Garantindo, assim, que todos aprendam, todos participem do trabalho em sala de aula, que interajam ao seu modo com os demais estudantes e com isso possam efetivamente se sentirem incluídos e valorizados na relação com os demais.

Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a escrita livre poética não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a grafia correta. Os que se prendem aos programas curriculares escritos precisam vencer uma noção conteudista do ensino para compreender que, mais que um conhecimento acadêmico, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de escrita livre, identidade e diálogo com sua cultura a ser compartilhada.

Não é o texto pelo texto que está em questão, nem seus aspectos linguísticos apenas, mas, principalmente, o texto como portador de sentido, isto é, como algo materializado do mundo vivido, pensado e sócio historicamente construído (PAVIANI, 2012).

Em nossa pesquisa, percebemos que os estudantes anseiam por um espaço onde suas ideias e pensamentos, possam ser manifestadas de maneira livre. Para além das palavras naquele papel, ao valorizar a cultura da oralidade, estamos oportunizando que esses jovens, busquem cada vez mais aprimorar o uso da palavra, caminhando para um contínuo processo de letramento, sem perder as perspectivas de multiletramento que o levaram a iniciar esse processo criativo. Ao estimular essa produção, o espaço escolar interage com as vivências daquele público que cotidianamente entram e saem do espaço escolar.

Enquanto o mundo ocidental desconstrói e desvaloriza o saber transmitido pela oralidade, através do discurso de valorização do saber escrito. Inúmeras culturas milenares sobreviveram através da tradição oral. Ao problematizar o testemunho oral sobre o testemunho escrito, Bâ (2010) pontua que independente da forma como o ser humano registra determinado fato histórico, esse não deixa de ser feito por um ser humano. Para ele, ao final o que vale é a testemunha e não o testemunho, ou seja, escrita ou oral, a fidedignidade do testemunho está em quem transmite e não em como é transmitido, pois para escrever um relato é preciso utilizar a memória e recordar tal fato.

Durante o percurso, percebemos que muito ainda se pode aprofundar na relação entre a transmissão cultural através da oralidade, em regiões periféricas e grupos minoritários. Como a oralidade se torna um instrumento de resistência e existência, para esses grupos, está presente no samba das comunidades cariocas, no repente das feiras do nordeste e no rap e *Slam* dos coletivos urbanos. Uma pesquisa que se aprofunde nessa tradição ancestral se apresentou como algo que pode falar muito sobre a cultura da sociedade brasileira.

O que caracteriza as sociedades orais ainda de acordo com o autor é a forte ligação da pessoa com a palavra. Assim como, na sociedade escrita, o que está no papel é a única prova, na sociedade oral a pessoa se torna a única prova, o único registro. A tradição oral vai para além de “um testemunho transmitido oralmente de uma geração para a outra” (VASINA, 2010, p. 140). Na cultura africana, a fala é considerada um dom de Deus. Sendo a fala manifestação das forças divinas, logo, o ato da fala e da escuta ganha um significado muito maior do que se costuma atribuir a elas.

Outro ponto que acabou chamando bastante atenção no processo de pesquisa e vale um maior aprofundamento. É a questão do gênero no espaço do *Slam*. Apesar do duelo ter ampla representatividade e garantir de forma democrática a participação de todos os interessados, o número de mulheres que produzem poesia nos duelos é muito significativo. Os temas relacionados ao corpo, ao machismo e a liberdade, ganham força nas palavras das adolescentes e jovens poetisas *slammers*. O espaço do duelo se torna um palco do empoderamento feminino, poesia engajada e engajadora, como afirma a professora Cynthia Agra de Brito Neves (2017).

Outro importante ponto que nos provocou e continua provocando é uma reflexão sobre as diferenças entre o duelo de MC e a poesia *Slam*. Entendemos que, ao passo, que as poesias do duelo estão intimamente ligadas à resposta e à rima do outro duelista, no *Slam*, o domínio do tempo, é totalmente do *slammer*. Independentemente de quem passou pelo MIC ou do *slammer* que virá. Acreditamos que essa dinâmica, favorece a produção livre das poesias e proporciona a construção de textos mais intimamente ligados às vivências e à identidade das pessoas envolvidas com esse espaço criativo.

Para Conceição Evaristo (2020), o processo de escrita das suas vivências, que ela nominou de *escrevivências*, é uma forma de identificação de pessoas que vivem de alguma maneira a experiência da exclusão, seja por sua cor, orientação sexual, identidade de gênero ou condição socioeconômica, porém salienta que há distanciamentos e semelhanças de acordo com cada lugar subjetivo. *Escrevivência* tem a ver com existência, mas também tem a ver com expandir o mundo a fim de interrogá-lo. Salienta a autora “*Escrevivência* nunca foi uma mera

ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas” (EVARISTO, 2020, p. 34).

Para concluir, posso afirmar que a pesquisa desenvolvida permitiu compreender a importância da prática de multiletramentos no cotidiano das escolas, ao pensar nas possibilidades capazes de se oportunizar aos educandos, com o acesso aos recursos da linguagem. Práticas como a do *Poetry Slam*, conseguem dialogar com os temas atuais, que afligem a sociedade. A poesia incorpora de forma leve o cotidiano difícil das periferias do Brasil e do mundo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I.; SOUZA, B. O Slam como representação de literatura marginal e manifestação cultural na escola. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 233–250, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i2.24819. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24819>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- ASSUNÇÃO, C. A.; JESUS, E. A.; SANTOS, U. S. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**: Slam Interescolar-SP. São Paulo: LiteraRua, 2021.
- AZEVEDO, I. C. M. Articulação entre linguagem, discurso e cultura na Pedagogia dos Multiletramentos: Como os diferentes mundos da vida se fazem presentes em práticas escolares situadas ao sul do equador. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 75–85, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5565>. Acesso em: 14 ago. 2022.
- BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 393-410.
- BARROCO, S. M. S., & Superti, T. Vigotski e o estudo da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 23-31. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vr5bbMpFznNZRsVTMJFxFqN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 ago. 2022.
- BOTTENTUIT, J. B.; COUTINHO, C. P. Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte. In.: BARCA, A. et al. **Libro de Actas do Congresso Internacional Galego-português de Psicopedagogía**. A. Coruña/ Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación. p.837-846. 2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 dez. 2019.
- CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.
- CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, T. M. S.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

COELHO, L.; PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-PED**, Osório, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

COELHO, R. M. **APALAVRAÇÃO**: atos político-performativos no Coletivo Sarau de Periferia e Poetry Slam Clube da Luta. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Artes). – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes - EBA, Belo Horizonte, 2017.

COSCARELLI, C. V.; CORRÊA, H. T. As boas influências: Pedagogia dos Multiletramentos, Paulo Freire e BNCC. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 20–32, 2021. DOI: 10.46230/2674-8266-13-5572. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5572>. Acesso em: 14 ago. 2022.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - O poetry Slam entra em cena. **Synergies Brésil**, 2011, n. 9, p. 119-126. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DAYRELL, J. T. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, especial, p. 1.105 -1.128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJfY53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2021.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 136-161. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espaco-socio-cultural.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

DIAS, A. M. A estratégia da revolta: literatura marginal e construção da identidade. In: B. M. RODRIGUEZ (org.). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília: UnB, n.27, pp.11-21. 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4846221>. Acesso em: 07 ago. 2021.

ESLAVA, F. V. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. In: B. M. RODRIGUEZ (org.). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília: UNB, n.24, pp. 35-51. 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4846189>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 25 ed. 2006.

GOMES, N. L. Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 687-693, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/sZMWK9Q7ZFGnVpV55X85WZD/> Acesso em: 10 dez. 2021.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101–145, 2021. DOI: 10.46230/2674-8266-13-5578. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em: 14 ago. 2022.

HOOKE, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

JÚNIOR, E. A.; SILVA, C. F.; BERTOLDO, S. R. Educação em tempos de pandemia: o uso da ferramenta podcast como estratégia de ensino. **Tecnia**, v. 5, n. 2, p. 31 - 51, 2020. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/tecnia/article/view/815/624>. Acesso em: 26 jun. 2021.

MOLER, L. B. **Quando os olhos não veem, mas o coração sangra**: um estudo sobre as relações raciais pelos afetos e arte na arena do slam. 2019. 120 f. Tese Doutorado em Psicologia: Psicologia Social - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MONTEIRO, J. A. T. & Monteiro, D. T. T. O conceito de perejivânie na prática educacional: um encontro com educadores sociais musicistas. **Revista Vale**, Vale do Rio Verde, v. 18, n. 1, p. 703-712, 2020.

NEVES, C. A. B. Slams – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>. Acesso em: 21 maio 2021.

PILATI, A. **Poesia na sala de aula**: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PINHEIRO, P. A pedagogia dos multiletramentos 25 anos depois: Algumas (re)considerações. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 11–19, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5555>. Acesso em: 14 ago. 2022.

PINTO, C. de O. **Os Slams poéticos e suas capacidades de desenvolverem as consciências individuais**. Dissertação de Mestrado em Psicología – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

ROJO, R. R. Letramentos escolares: coletâneas de textos nos livros didáticos de língua portuguesa. **Perspectiva**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 433–465, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p433>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SILVA, C. R.; LOSEKANN, C. **Slam poetry como confronto nas ruas e nas escolas**. Educ. Soc., Campinas, v. 41, e228382, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.228382>. Acesso em: 21 mai. 2021.

SOARES, L. V.; MACHADO, P. S. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência** - poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop. São Paulo, SP: Parábola, 2011.

SOUZA, A. L. S.; SILVA, I. J. da; MUNIZ, K. da S. LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA - UM CONCEITO EM MOVIMENTOS NEGROS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 01-11, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/526>. Acesso em: 17 nov. 2021.

STELLA, M. G. P. A batalha da poesia... o slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 17, p.1-18, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2836>. Acesso em: 21 de mai. 2021.

VIANA, L. **Poetry slam na escola**: embate de vozes entre tradição e resistência. 2018. 165 f. Dissertação Mestrado Profissional em Letras. – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2018.

VILAR, F. Migrações e periferias: o levante do slam. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n.58, pp.1-13, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000300306&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. Tradução e revisão técnica Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha e Max Welcman. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, 681-701, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**: Escritos de L.S. Vigotski. Organização e Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2021.

VYGOTSKI, L. S. Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. In: VYGOTSKI, L. S. (ed.), **Obras Escogidas**. (p. 119-126), Tomo III. Madrid: Visor/MEC, 1995.

ANEXOS

ANEXO 1

Desenho básico e organização da Trilha:

Capítulo 1: Apresentação

Assuntos tratados

- a. Conheça o *Slam*
- b. Histórico do *Slam*
- c. Surgimento do *Slam* Interescolar

Capítulo 2: Oficina de escrita poética – Título: Todos podem poemar a vida!

Assuntos tratados

- a. Organizando a oficina de escrita livre poética
- b. Dicas para iniciar um poema
- c. Construindo Narrativas em Versos:
- d. Inspiração
- e. Escrevendo
- f. Aprimorando

Capítulo 3: Oficina para performance e apresentação: Superando a insegurança, hora de dar a letra e dominar o MIC.

Terceiro capítulo da trilha de oficinas de *Slam* em áudio documentário. Para auxiliar na performance dos *Slammers*, trazemos a experiência do teatro, como um instrumento para contribuir na leitura e apresentação do poema. Um instrumento para aperfeiçoar e superar a insegurança de compartilhar sua poesia. Trabalhamos com dois modelos de teatro para a reflexão. O teatro Épico de Bertolt Brecht e Teatro do Oprimido Augusto Boal.

- a. Apresentando a estrutura da performance
- b. Pensando na sua performance
- c. Dicas para treinar sua apresentação em público.
- d. Exercícios

Capítulo 4. Organizando um *Slam*

- a. Planejando e envolvendo
- b. Criando um cronograma
- c. Dia da batalha

ANEXO 2

Oficina 1 – Tema: Escrita Livre Poética – Todos podem poemar

“Tem aí uma escrita ou uma proposta de escrita – e eu torno a afirmar que não é só no campo literário –, uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feito da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas ou de ver determinadas realidades transformadas em ficções.” (Evaristo, Conceição).

Modalidade	Componentes Curriculares	Atividades
Séries Finais do Ensino Fundamental II	Todas as disciplinas	1. Dicas para iniciar um poema. 2. Construindo uma narrativa em versos 3. Escrevendo. 4. Aprimorando o poema.

Tempo: 2 hrs/aula

Obras/Textos

- Trilha em áudio documentário, apresentando a proposta.
- Vídeo: O Ponto de Partida da Escrita – Conceição Evaristo = <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&list=RDLVbojuwnv6yd0&index=43>
- Vídeo: O que é poesia Marginal – poetisas e *Slammers* masters Luz Ribeiro e Deusa Poeta = <https://www.youtube.com/watch?v=D9qxjNx5LuQ>

OBJETIVOS DE ENSINO

- Promover um contato diferenciado com a poesia e, fugir dos exercícios sistematizados, sobre composição estrutural da escrita de um poema ou do formato rígido e metódico de alguns livros didáticos.
- Trabalhar com os alunos de uma maneira mais livre, mais lúdica e menos escolarizada, por meio de atividades em que se tenha a possibilidade de fazer inúmeras leituras sem se preocupar com exercícios rígidos e sistematizados.

- Descobrir os significados e sentidos da escrita poética sem achar que a erudição acadêmica é que detém a única interpretação; ou ainda, em que se se possa escrever poemas sem que estes sejam revestidos pelo caráter da “lição para nota” ou “lição de casa”.
- Fazer com que os alunos se sintam motivados a ler e pesquisar cada vez mais, e por conta própria, textos poéticos; procurar estimulá-los por meio do prazer que a leitura de poemas pode proporcionar; buscar poemas, músicas e textos na biblioteca, na internet, nos sebos, nas livrarias, etc.
- Mediar didaticamente para que os estudantes compreendam a diferenças entre a poesia marginal e a poesia acadêmica. Apresentar as várias formas da escrita livre, suas especificidades, sua identidade e a liberdade que se apresenta a partir de uma escrita livre.

Procedimentos Didáticos para desenvolver as atividades

Material:

- Caixa de som para apresentação do áudio documentário e microfone para iniciar o contato dos alunos com a prática da oralidade
- Papel, lápis, borracha e caneta, para os estudantes iniciarem a escrita livre criativa.

Atividade 1. Dicas para iniciar um poema

Obs.: Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha com a proposta motivacional de dicas para iniciar a escrita

- Declamar um poema, como ponto de interação e para despertar a atenção da turma.
- Apresentar dois formatos de poemas: Declamar um poema de um poeta clássico – Exemplo Carlos Drummond de Andrade e um poema de um rapper – exemplo Racionais MCs
- Refletir sobre a ideia de que a poesia faz parte do cotidiano das pessoas, escreva sobre algo que você está vivendo, sentindo e pensando.

Orientação para iniciar a atividade:

- Peça que comecem escrevendo uma frase sobre:
 - algo que você gosta.*
 - algo que você não gosta.*
 - algo que você está vendo.*
 - algo que você está sentindo.*
- Pedir para alguns fazerem a leitura do que escreveram na frente dos colegas e de preferência no microfone.

Atividade 2. Inspiração

- **Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha com a proposta motivacional de dicas para inspiração na hora da escrita.**

- Se possível apresentar o áudio ou vídeo da Professora Conceição Evaristo e do rapper Emicida.

Orientação para iniciar a atividade:

- **Obs.: Antes de iniciar a atividade da oficina, tente motivar os estudantes lendo ou declamando poesias. Agora se apegar a poesia marginal. Sugestão: Letras de Rapper ou poemas de poetas *slammers*.**
- **Obs.: Após as leituras, trabalhar com as frases apresentadas pelos alunos, direcionando os seguintes tópicos:**
 - a. Escolha um tema: definir uma ideia principal, ou um assunto para o seu poema pode ajudar.
 - b. Busque inspirações nas suas vivências: Observe seu cotidiano, sente na rua e escreva sobre as pessoas.
 - c. Pratique a escrita: anote ideias, pensamentos e sentimentos. Registre no papel, grave no celular.
 - d. Defina uma forma: escolha um formato, uma narrativa para sua poesia. Observar se prefere escrever versos mais livres, ou poemas mais estruturados, como sonetos.

Atividade 3. Construindo Narrativas em Versos:

- Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha com a proposta motivacional de dicas para narrativas e versos na hora da escrita.

Orientação para iniciar a atividade:

- **Obs.: Permita aos alunos se manterem atentos e motivados, lendo ou declamando poesias a cada etapa. Agora é hora de se apegar a poesia marginal.**
- **Obs.: Após as leituras, trabalhar com as frases apresentadas pelos alunos, direcionando os seguintes tópicos:**
 - a. Identificar qual é a sua ideia central. Sobre o que você quer escrever?
 - b. Criar um conflito que sustente a sua ideia central.
 - c. Escolha os personagens.
 - d. Transcrever essa história em versos.
 - e. Pensar em uma estrofe de abertura e outra de encerramento.
 - f. ler em voz alta e reescrever o que pode melhorar.

Atividade 5. Escrevendo

- Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha a proposta motivacional das oficinas, tema: “Escrevendo”.

Orientação para iniciar a atividade:

- **Obs.: Permita aos alunos se manterem atentos e motivados, lendo ou declamando poesias a cada etapa. Agora é hora de se apegar a poesia marginal.**
- a. Use descrições concretas: tente descrever algum momento, usando os cinco sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição)
- b. Use figuras de linguagem: metáforas, comparações, ironias, gírias e termos específicos de um grupo ou cultura etc., são recursos que podem enriquecer sua poesia.
- c. Pense na sonoridade do poema: textos poéticos são feitos para serem lidos em voz alta, tente imaginar como as palavras vão soar. Grave em seu celular e ouça sua leitura, leia em voz alta na frente do espelho.
- d. Não use muitos clichês: é bom evitar frases e expressões muito comuns, tente utilizar algo mais peculiar, assim você surpreende o leitor.

Obs.: Mãos à obra, é hora de incentivar que os estudantes iniciem a escrita, deixe eles livres para escrever e compartilhar a escrita.

Materiais de Apoio:

ALCALDE, Emerson (org.). *Negritude*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ALCALDE, Emerson (org.). *Antifa*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ALCALDE, Emerson (org.). *Empoderamento Feminino*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

APR, Russo (org.). *Coletivo Terra Firme: Convida, poesia marginal*. Belo Horizonte: Marginália, 2022.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ANEXO 3

Oficina 2 – Tema: Oficina para performance e apresentação - Superando a insegurança, hora de dar a letra e dominar o MIC.

“Leitura (...) processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.” (Freire, Paulo.)

Modalidade	Componentes Curriculares	Atividades
Séries Finais do Ensino Fundamental II	Todas as disciplinas	5. Estrutura da Performance. 6. Exercícios para melhorar a performance. 7. Dicas para treinar sua apresentação em público.

Tempo: 2 hrs/aula

Obras/Textos

- Trilha em áudio documentário, apresentando a proposta.
- Vídeo: Trailer Estendido - Augusto Boal e o Teatro do Oprimido = <https://www.youtube.com/watch?v=c5U0hZ0vLjo>
- **Teatro do Oprimido:** Partindo do princípio de que a linguagem teatral é a linguagem humana utilizada pelos indivíduos, no seu cotidiano, todos podem desenvolvê-la e fazer teatro, ampliando as suas possibilidades de expressão. Ao recuperar os meios de produção teatral para as pessoas e o acesso às camadas sociais menos favorecidas, torna-se possível um outro modo de analisar a exploração de situações de opressão, dando-se valor à capacidade criadora e criativa das pessoas. O teatro do oprimido funciona como

um veículo para a organização e para o debate dos problemas, empoderando os sujeitos/atores sociais na defesa dos seus direitos e incentivando a sua participação cívica.

- No Teatro do Oprimido, os grupos podem em conjunto construir o seu “sonho possível”, para utilizar uma expressão de Paulo Freire. Esse sonho possível, ou realidade desejada, não se refere a uma idealização ingénua, mas emerge justamente da reflexão crítica acerca das condições sociais. Conhecer essas condições faz com que elas não sejam encaradas de forma determinista, mas com que a realidade seja entendida como mutável através da participação dos sujeitos que a constituem. A História, enquanto processo social, e as histórias vividas pelas pessoas são sempre encaradas como possibilidade, não como um fatalismo da realidade. Para se sonhar coletivamente e esse sonho ter um alcance de movimento transformador, é preciso que se ensaiem as formas de ação.

OBJETIVOS DE ENSINO

- A proposta é utilizar exercícios do Teatro, em especial o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, como instrumento para trabalhar a inibição e desconstruir os estudantes.
- Realizar jogos e exercícios de ativação sensorial e desmecanização do corpo.
- Apropriação da linguagem e das palavras, como meios da comunicação e de expressão da criatividade e de suas vivências.
- Refletir sobre seu protagonismo e potencializar o desenvolvimento de ações protagonistas.
- Promover o autoconhecimento, desenvolvimento de expressão e comunicação. Garantir maior interação entre alunos e a promoção do aperfeiçoamento corporal.
- Aperfeiçoar a resolução de conflitos e a tomada de decisões, a medida que possibilita o aprender a falar e ouvir com mais assertividade.
- Ampliar os processos de criação, o trabalho coletivo e colaborativo e, em especial, a experimentação.
- Possibilitar o desenvolvimento do posicionamento crítico refletido nas produções dos estudantes: comunicar-se por meio de gestualidades e vocalidades, expressando ideias complexas de maneira crítica e reflexiva.

Procedimentos Didáticos para desenvolver as atividades

Material:

- Caixa de som para apresentação do áudio documentário e microfone para iniciar o contato dos alunos com a prática da oralidade.
- Espelho para treinamento da performance.
- Papel, lápis, borracha e caneta, para os estudantes iniciarem a escrita livre criativa.

Atividade 1. Estrutura da Performance

Obs.: Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha com a proposta motivacional de dicas para iniciar a escrita

- Declamar um poema, como ponto de interação e para despertar a atenção da turma.
- Apresentar a proposta de inserir exercícios do teatro, como ferramenta para superar a inibição e melhorar a performance da apresentação do poema.
- Estamos na era do compartilhamento, uma era em que o valor está em distribuir, em coparticipar, em tornar público o que se pensa, o que se faz, o que se lê, o que se vê e até o que se come ou o lugar onde se está. Hoje temos a opção e a oportunidade de produzir conteúdo e de compartilhar sobretudo, ao mesmo tempo que temos a liberdade de escolher o que consumir e valorizar o que nos é relevante.
- Compartilhar é aprender com o outro. Isso aprimora a habilidade de “aprender a aprender” e aprender por toda a vida. Esse talvez seja um dos maiores poderes que a gente pode atribuir à literatura: o de nos tornar mais abertos e sensíveis a outros modos de percepção e de pensamento. Isso se faz fundamental, especialmente em momentos como o atual, de sectarismo e intolerância em relação a outros modos de vida.
- Sentir-se ouvido, compreendido, saber que não está sozinho e que há outras pessoas que passaram ou passam pela mesma experiência. Por que não compartilhar suas ideias em um poema de 3 minutos? Ganha você, ganha o público, mas principalmente, ganha a poesia. Bora começar!

Orientação para iniciar a atividade:

- Como funciona a performance do duelo:
 - Autorrepresentação e depoimento: são estruturas da narrativa e performance do *slammer*, que faz um testemunho sobre sua realidade e experiência defendendo um ponto de vista (depoimento), ao mesmo tempo que tem noção de seu papel social e político, assim como o exercício de representar suas próprias histórias e da sociedade que vive (autorrepresentação).
 - Poesia autoral: é preciso dar vida a suas narrativas por meio da performance, representar seu próprio texto com o corpo (autorrepresentação).
 - Sem acompanhamento musical, figurino, cenário, etc: apenas com a gestualidade do corpo que os poetas devem trazer os efeitos que esses elementos trariam, isso afeta tanto a construção do texto, quanto a performance.
- **Exercício do teatro para trabalhar a inibição:**

“O batizado mineiro”: Estudantes em círculo; cada um, em sequência, dá dois passos à frente, diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra do seu nome e que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra. Os demais atores repetem duas vezes: nome, palavra e movimento. Quando já tiverem passado todos, o primeiro volta, mas agora numa posição neutra, e são os demais que devem se lembrar da palavra, nome e gesto (Jogo do arsenal do Teatro do Oprimido (BOAL, 1998).

Atividade 2. Exercícios para aprimorar a performance. (Pensando na apresentação)

- Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha com a proposta motivacional de dicas para a performance e apresentação da poesia.

Orientação para iniciar a atividade:

- **Obs.:** Antes de iniciar a atividade da oficina, tente motivar os estudantes lendo ou declamando poesias. Agora se apegar a poesia marginal. Sugestão: Letras de Rapper ou poemas de poetas *slammers*.
- **Obs.:** Trabalhar com um espelho e pedir que os exercícios e demais atividades sejam feitos de frente a um espelho e com os colegas na lateral da apresentação. Dessa forma que, o adolescente, ou o jovem, veja apenas o seu reflexo no espelho.

1. Careta: na frente de um espelho, faça caretas mexendo a língua dentro da boca. Isso ajuda a “aquecer” a musculatura do rosto, ajudando também na dicção das palavras.
2. AEIOU: dizer as vogais uma por uma com a boca bem aberta, a distância de pelo menos dois dedos entre os dentes superiores e inferiores
3. Sifuxipa: esse exercício é para treinar a respiração, que ajuda muito na hora de declamar a poesia, pois é um processo importante para construir nossos ritmos, momentos de pausa, de acelerar ou diminuir a fala, assim como no canto e no teatro também.
 - a. Inspire pelo nariz, enchendo a barriga de ar (aqui trabalhamos a respiração com o diafragma). Prenda o ar um pouco, coloque as duas mãos na barriga e vamos soltar o ar pela boca dizendo sifuxipa.
4. Leia um texto sentado e em pé, e permita-se cometer erros e explore todas as maneiras para não fazer igual sempre, ficando cada vez mais confortável com as falas.
5. Leia um verso/frase de vários modos.
 - a. Exemplos de modos de leitura: com suspense, com raiva, com tristeza, nervosamente, alegremente, como um locutor de tv, como em uma propaganda, como uma canção de rock, com voz lírica, com muita suavidade, muito alto, depressa, devagar.
 - b. Peça aos alunos para se apresentarem individualmente para a turma, utilizando diferentes modos de leitura.

Obs.: A organização dos exercícios fica a critério do coordenador da oficina, respeitando a própria dinâmica do grupo.

Atividade 3. Dicas para a performance:

- Apresentar o áudio documentário (podcast), que trabalha com a proposta motivacional de dicas para a performance.

Orientação para iniciar a atividade:

- **Obs.:** Permita aos alunos se manterem atentos e motivados, lendo ou declamando poesias a cada etapa.
- **Obs.:** Para fechamento dessa oficina, importante inserir mais uma atividade no grupo, para trabalhar a inibição.

1. Dinâmica para movimentação do grupo

a. Sugestão de exercício: (“Rótulos” ou “Detetive, vítimas e assassino”)

- **Rótulos:** Esta atividade que desenvolve a Interação social, raciocínio e atenção.
 - Como brincar: Escreva em pedaços de papéis “rótulos” diversos. O grupo pode definir uma temática, como, por exemplo, sentimentos: Alegria, tristeza, raiva, medo, etc. Cada participante deve pegar seu rótulo, grudar na testa, sem olhá-lo, e começar a circular entre os demais participantes. Cada jogador deverá interagir com o outro fazendo mímicas, caras e bocas que deem pistas sobre seu rótulo. Ganha o jogo quem descobrir primeiro o seu próprio.
- **Detetive:** Esta atividade desenvolve a atenção, concentração, coordenação visual e espacial.
 - Como brincar: Em pequenos pedaços de papéis, escreva os nomes dos personagens do jogo: Detetive (1), assassino (1) e vítima, o número de vítimas dependerá sempre a quantidade de participantes. Dobre-os e sorteie-os entre os jogadores.
 - Todos devem formar um círculo, para que cada participante veja todos os outros jogadores. O assassino deve “matar” as vítimas por meio de uma piscada de olho. A vítima, por sua vez, deve dizer “morri!”. O detetive deve estar “ligado” o tempo todo e assim que descobrir que é o assassino deve dizer “preso em nome da lei!”. O jogo termina quando o assassino “mata” todas as vítimas ou quando o detetive o prende.

2. Após a execução da dinâmica é hora de treinar as performances.

- a. Aprenda a lidar com o medo do palco: é normal ficar nervoso antes da sua performance, mas quanto mais você prática, recitar em público, mais se acostuma e fica mais confiante.

- b. Mantenha uma boa postura: ficar com as costas eretas ajuda a falar alto e claramente, além de ajudar a parecer mais confiante.
- c. Faça contato visual com o público: olhe diretamente para os olhos das pessoas na plateia, mova-se entre eles, isso ajuda a capturar a atenção e deixa a interpretação mais natural,
- d. Projete sua voz para toda a plateia: mantenha o queixo levemente elevado, os ombros para trás e as costas eretas, fale respirando pelo diafragma, isso ajuda a fazer a voz soar mais alto, sem gritar.
- e. A expressão corporal, a voz e a performance contam muito no contexto da poesia falada. É importante recitar seu poema interpretando com o corpo. Quanto mais recitamos uma poesia mais apropriamos dela, para além do texto escrito, damos vida as palavras.
- f. Faça a leitura do seu poema e ponha cor em sua palavra: ao repetir algumas palavras, tente dar vida, "colorindo-a", com o máximo de expressão possível. Palavras de exemplo: frio, devagar, bravo, feliz, nervoso, rindo, gritando, suave, fino, crocante, medo, chorando, alto.
- g. Anote em suas poesias como você quer transmitir aquele texto: Pense nas sensações que você quer transmitir com aquelas palavras. Se é um texto que fala de algo profundo sobre você, por exemplo, tente experimentar dizer de várias formas.

Materiais de Apoio:

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Jogos para atores e não atores**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

LOMBA, M. PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES. **O Mosaico**, [S. l.], v. 21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4090>. Acesso em: 25 nov.

ANEXO 4

Organizando o *Slam*

- **Planejando e envolvendo:**
 - **CRIE UMA EQUIPE:** Envolver vários colegas, estudantes, funcionários e professores na equipe de organização do *Slam*. Mesmo que não estejam entre o grupo de poetas o engajamento de outras pessoas cria maior ambiente de coletividade, troca de ideias e possibilita atingir mais pessoas para participarem, tanto poetas *Slammer* quanto ao público e torcida.
 - **NOME E GRITO DA COMUNIDADE** - Escolha um nome pra sua Comunidade de Poesia e um grito para fazer antes dos poetas declamarem
 - **DEFINA O LOCAL** - Será na sua escola? Na sua rua? Em uma praça? Qual é o lugar onde a turma se reúne? Decida o melhor local para sua Competição de Batalha de Poesia Falada.
 - **DEFINA A DATA E HORÁRIO** - O próximo passo é definir a data e o horário da Competição de Batalha de Poesia Falada, tendo em vista a disponibilidade de todas as pessoas envolvidas.
 - **DEFINA QUEM IRÁ SER O MESTRE DE CERIMÔNIA E O CONTADOR** - Aqui, o organizador da Competição de Poesia Falada precisa definir quem irá apresentar os poetas, as notas e conduzirá a atividade; também é necessário um contador ou matemático, que controlará o tempo de cada poeta e fará os cálculos pertinentes.
 - **CONVIDE POETAS E TRAGA OUTRAS ATRAÇÕES** - Além dos poetas, podemos convidar Artistas Plásticos para expor sua arte, poeta convidado para se apresentar entre os poetas competidores, isso fica a critério de cada organização. Quanto mais arte melhor.
 - **ARTE E DIVULGAÇÃO DO EVENTO** - As redes sociais são excelentes para divulgar seu evento, faça uma arte com as principais atividades, data e local e peça ajuda para alcançar a maior quantidade de pessoas. Caso seja na escola, imprima a arte de divulgação e cole nos locais onde tem maior fluxo, banheiro, entrada etc.
- **Criando um cronograma:**
 - Defina uma data para as inscrições dos poetas *slammers* competidores
 - Microfone aberto enquanto as inscrições rolam
 - Apresentar as intervenções artísticas (se houver)
 - Explicar as regras e escolher 5 jurados
 - Apresentar os poetas inscritos
 - Sortear a ordem que os poetas se apresentarem

- I. 1º Round - Todos os poetas competem e passam os 5 poetas com as melhores médias
- II. 2º Round - Poetas que passaram do 1º Round, passam os 3 poetas com as melhores médias
- III. 3º Round - Poetas que passaram do 2º Round, vence o poeta com a melhor média.

- **Dia da batalha:**

- **O QUE É NECESSÁRIO PARA O DIA?** - Repasse as necessidades que a organização irá ter durante a realização do evento. Ponto de energia, som e microfone; decoração; espaço para as intervenções artísticas; água; e repasse o cronograma para ver se está tudo certo.
- **A HORA DO MIC NA MÃO!!** Cada comunidade tem seu ritual e sua forma de conduzir, explique as regras e o modo de avaliação para o público em geral e dê início a suas atividades, vai dar tudo certo!! Tem vídeos e muitas referências na internet, pesquise, converse com outras comunidades de *slam* de poesia. Viva a palavra, viva a poesia, viva o *Slam*!

ANEXO 5

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome: _____

As informações contidas neste prontuário visam firmar acordo por escrito, mediante o qual o responsável pelo menor ou próprio sujeito objeto de pesquisa, autoriza sua participação, com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá o paciente, com capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação.

I. – TÍTULO DO TRABALHO EXPERIMENTAL:

Pesquisador Responsável:

Rafael Calado Alves Pereira

Pesquisador Assistente:

Prof. Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro

II. – OBJETIVOS

- Entender o duelo de poesia performática, *Slam*, como instrumento de construção da identidade do educando enquanto prática educativa no espaço escolar.
- Utilizar um podcast para descrever as experiências e características do *Slam*.
- Propor a aplicação do *Slam* no processo de letramento e percepção estética;
- Comparar os métodos avaliativos da escola formal e o duelo de poesias performática (*Slam*).
- Analisar o *Slam* como espaço de identidade, representação e empoderamento da mulher.
- Refletir sobre a educação não formal e formal como oportunidade de emancipação ao problematizar as relações entre cultura e desigualdade social, cultura e racismo, cultura e injustiça social entre outras relações presentes nos debates da juventude da periferia brasileira.

III. – JUSTIFICATIVA

Para o sociólogo Juarez Dayrell (1996) compreender a escola como espaço sociocultural implica em resgatar os sujeitos inseridos nesse contexto de processo educacional. No entanto, a escola acaba por não reconhecer esse “jovem” no sujeito “aluno” e tampouco compreende a diversidade que ele pode apresentar (DAYRELL, 2007). A prática educativa do *Slam* pode vir com respostas para essas questões promovendo uma mistura entre o processo educacional e a vida cotidiana, garantindo o espaço de manifestação e posicionamento dos educandos.

Desta forma encontra-se a relação entre a prática do *Slam* como uma prática educativa que promove a autonomia e a libertação do aluno, assim como proposto por Freire (1996) onde o conhecimento do aluno é parte do ambiente de ensino e a escola espaço de manifestação de ideias e protagonismo do educando. Garante a liberdade de fala e liberta o educando das amarras do processo formal de educação. Vale ressaltar o protagonismo das mulheres nas batalhas, pois o *Slam* oferece um espaço de manifestação e de verbalização dos sentimentos que cotidianamente são reprimidos pela sociedade machista e preconceituosa.

Para *Vigotski* (2008) a criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, e o aprendizado escolar vem com elementos novos para o seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. A prática educativa do *Slam* respeita esse conceito teórico à medida que trabalha com as experiências e vivências dos jovens e, sendo absorvida como prática educativa pode acrescentar elementos de diversos conteúdos na pesquisa para a produção das poesias. Pode ainda aprimorar a leitura, aguçar a curiosidade e dialoga com as disciplinas de humanidade.

IV. – PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA –

20 estudantes (*Slammers*)

APLICAÇÃO –

Entrevista semiestruturada

V. – RISCOS ESPERADOS

- Invasão de privacidade;
- Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade;
- Revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados;
- Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado;
- Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE);
- Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista.

VI. – BENEFÍCIOS

- Maior compreensão dos alunos da atual conjuntura e da realidade na qual eles estão inseridos;
- Qualidade na prática educativa para maior envolvimento do educando com a realidade escolar;
- Promover e incentivar jovens e adolescentes a escreverem poesias autorais apresentá-las performaticamente;
- Promover uma nova proposta de letramento, que envolve práticas sociais específicas de leitura e de escrita poética;
- Promover entre os educadores novas formas de trabalhar o letramento na escola, tais como a leitura em voz alta, ou a produção de texto oral e a escrita criativa;
- Promoção do letramento literário crítico;
- Valorização da educação.

VII. – RETIRADA DO CONSENTIMENTO

Os participantes têm a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ou relação com sua prática de trabalho.

VIII. – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

Quando se perceber algum risco ou dano à integridade dos sujeitos participantes da pesquisa.

IX. – CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu _____,
exercendo a profissão de _____ na cidade
_____, certifico que, tendo lido as informações acima suficientemente esclarecido (a) de todos
os itens, estou plenamente de acordo com a realização do experimento. Assim, eu autorizo as gravações
em áudio e vídeo para a execução do trabalho de pesquisa exposto acima.

_____, _____ de _____ de 202____.

Nome (legível) _____ RG _____

Assinatura _____

Atenção: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da UninCor. Endereço – Av. Castelo Branco, 82 – Chácara das Rosas, Três Corações – MG.

No caso de qualquer emergência, entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino. Telefone de contato: (31) 98779-7726

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2022.

Dr. Jesus Alexandre Tavares Monteiro
Pesquisador Assistente

Rafael Calado Alves Pereira
Pesquisador Responsável



UNINCOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO RIO VERDE